



seu story



PIXAL



Crew das Minas



2001

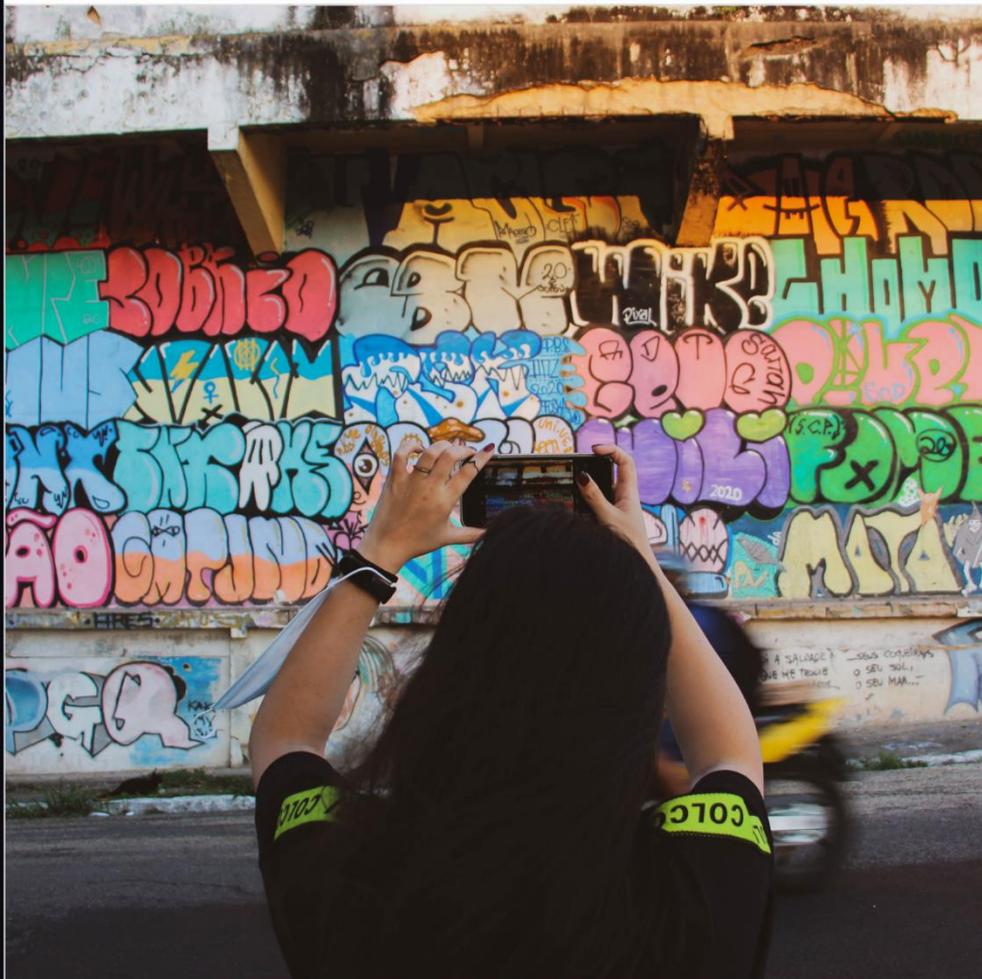


A.D.T.



Permanecer no efêmero

Maceió - AL



2023 likes:

Permanecer no efêmero: A pixação em Maceió e seus rastros de afeto na cidade.

Ver todos os comentários:

Dissertação de mestrado Maria Victória Silvestre de Souza Bezerra

Dinâmicas do Espaço Habitado Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo

Universidade Federal de Alagoas Orientadora: Profª Drª Juliana Michaello



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

Maria Victória Silvestre de Souza Bezerra

PERMANECER NO EFÊMERO:

A pixação em Maceió e seus rastros de afeto na cidade

Dissertação de Mestrado

MACEIÓ

2023

MARIA VICTÓRIA SILVESTRE DE SOUZA BEZERRA

PERMANECER NO EFÊMERO:

A pixação em Maceió e seus rastros de afeto na cidade

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Dinâmicas do Espaço Habitado - da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para obtenção do grau de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Professora Doutora
Juliana Michaello Macêdo Dias

MACEIÓ
2023

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

B574p Bezerra, Maria Victória Silvestre de Souza.
Permanecer no efêmero: a pixação em Maceió e seus rastros de afeto na cidade / Maria Victória Silvestre de Souza Bezerra. – 2023.
102 f. : il. color.

Orientadora: Juliana Michaello Macêdo Dias.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 100-102.

1. Pixação – Maceió (AL). 2. Afeto. 3. Rastros. I. Título.

CDU: 75.052 (813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

MARIA VICTÓRIA SILVESTRE DE SOUZA BEZERRA

PERMANECER NO EFÊMERO: A pixação em Maceió e seus rastros de afeto na cidade.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL, área de concentração em Dinâmicas do Espaço Habitado, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA em 26 /06/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a. Juliana Michaello Macedo Dias
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL/PPGAU

Documento assinado digitalmente



WALTER MATIAS LIMA

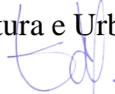
Data: 11/09/2023 11:16:32-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Walter Matias Lima
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL/PPGAU



Prof.^a. Dr.^a. Roseline Oliveira
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL/PPGAU



Prof. Dr. Eduardo Rocha
UFPEL

AGRADECIMENTOS

Não desisti. E preciso agradecer a quem me sustentou quando várias vezes eu caí durante esses últimos anos. Primeiramente a Deus, que mesmo nos meus momentos de dúvida, me deu motivos para acreditar. Seguindo, à minha família, que é enorme, tanto em número, quanto em cuidado. Painho, mainha, voinho, voinha, João, Marina e Tia Elisângela, eu sei o quanto vocês fizeram para que eu continuasse. Ao meu sobrinho, pelos risos e abraços felizes que só ele tem. Aos meus amigos do PPGAU que muito me fizeram rir quando eu quis chorar, em especial Igor e Ingrid que cuidaram de mim mesmo à distância. À Isabela, um dos melhores seres humanos que conheci na vida, pelos conselhos e parceria de sempre. Ao meu doguinho, Jorginho, que veio no momento mais turbulento para me fazer achar a vida mais bonita e amorosa. E aos meus professores nesse percurso, principalmente à minha orientadora Juliana, pela paciência e apoio. Muito obrigada. É por causa de vocês que eu não desisti.

RESUMO

A pixação tem uma representação significativa na cidade de Maceió. Mesmo que o movimento seja mais reconhecido nas grandes metrópoles do país, existem elementos que fazem com que o pixo em Maceió tenha suas próprias características e significado no imaginário do maceioense. São escritos que permanecem no tempo tanto nos muros quanto na memória, criando uma relação de afeto que ultrapassa os limites do espaço urbano e desperta sentimentos tanto nos responsáveis pelo pixo, quanto em quem experiencia a cidade, deixando rastros por onde passa. Ao longo dos anos de pesquisa, foram identificadas nove grifes que mais atuam em Maceió e também a relação direta da força do movimento com o Instagram, rede social que faz com que haja ainda mais visibilidade às tags e protestos. Da mesma maneira, algumas vezes, a própria população utiliza do artifício do pixo para reivindicar suas lutas. Como é o caso dos moradores dos bairros afetados pelo afundamento de terra ocasionado pela empresa Braskem, que escrevem seus nomes nas fachadas de suas antigas casas tanto em busca de justiça, como também para permanecer, de alguma forma, nos lares de onde eles foram retirados. E como forma de registro do movimento, a fotografia adentra a discussão entre memória e rastro, mas mesmo sem ela, as tags e frases escritas pela cidade fazem parte da construção de recordações e lembranças afetivas entre nós e Maceió.

Palavras-chave: Maceió; Pixação; Rastro; Permanecer; Afeto.

ABSTRACT

Pixação has a significant representation in the city of Maceió. Even though the movement is more recognized in the country's large cities, there are elements that make *pixo* in Maceió have its own characteristics and meaning in the imagination of the people of Maceio. These writings remains over time both on the walls and in memory, creating a relationship of affection that goes beyond the limits of the urban space and awakens feelings both in those responsible for the *pixo* and in those who experience the city, leaving traces wherever they go. Over the years of research, nine crews that are most active in Maceió were identified, as well as the direct relationship between the strength of the movement and Instagram, the social network that makes tags and protests even more visible. In the same way, sometimes, the population itself uses the artifice of *pixo* to claim their protests. As is the case with residents of neighborhoods affected by the landslide caused by the Braskem company, who write their names on the facades of their old houses in search of justice and also to remain, in some way, in the homes from which they were removed. And as a way of recording movement, the photography join the discussion between memory and trace, but even without it, the tags and phrases written around the city are part of the construction of affective memories between us and Maceió.

Key-words: Maceió; *Pixação*; Graffiti; Trace; Remain; Affection.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Pixação em prédio do Jaraguá.....	9
Imagem 2 - Edifício abandonado no bairro de Jaraguá, Maceió, 2021.....	14
Imagem 3 – Capa do capítulo 1, antigo Banco de Londres no Jaraguá, 2021.....	15
Imagens 4, 5 e 6 – Prints do meu Instagram pessoal que mostram algumas pixações em Maceió entre os anos de 2013 e 2014.....	16
Imagens 7 e 8 – Prints do meu Instagram pessoal que mostram algumas pixações em cidades da Espanha em 2015.....	17
Imagens 9, 10 e 11 – Prints do meu Instagram pessoal que mostram algumas na cidade de São Paulo em 2019.....	21
Imagem 12 – Pixações no bairro de Cruz das Almas, 2021.....	25
Imagem 13 – Metrô de Nova York, em 1985, pelo fotógrafo Richard Sandler.....	27
Imagem 14 – Frase pixada durante a Revolução de Maio de 1968, em Paris.....	27
Imagens 15, 16 e 17 – Frases pixadas durante a ditadura militar no Brasil, que aconteceu entre 1964 e 1985.....	28
Imagem 18 – Seu Antenor e sua pixação Cão Fila Km 26, em São Paulo.....	29
Imagem 19 – Uma das propagandas do Seu Antenor em São Paulo.....	29
Imagem 20 – Conjunto de pixações na década de 1980, em São Paulo, feitas pelo fotógrafo Ennio Brauns.....	30
Imagem 21 – Xarpi estilo de pixação originário no Rio de Janeiro.....	31
Imagens 22 e 23 – Feitos do Pixador “Vinga” no relógio da Central do Brasil e na Igreja da Candelária nos anos de 1990 no Rio de Janeiro.....	31
Imagem 24 – Capa de disco da banda Iron Maiden, que serviu de inspiração para as letras dos pixadores.....	32
Imagem 25 – Jornal noticiando as pixações no topo dos prédios em São Paulo.....	33
Imagem 26 – Foto tirada pelos próprios pixadores exibindo seus pixos.....	33
Imagem 27 – Foto registrando o pixador Di no topo de um prédio.....	34
Imagem 28 – Escultura feita pelo pixador DI posta no Parque Ibirapuera em 1992.....	36
Imagem 29 – Carta enviada à imprensa por DI, em 1992.....	37
Imagem 30 – Edifício treme-treme, considerado por muitos o prédio mais pixado do mundo.....	39
Imagem 31 – Edifício pixado com o número 16 que simboliza o ano de 2016. São Paulo, 2019.....	40
Imagens 32, 33 e 34 – Símbolo das grifes Os Mais Fortes e Círculo Vicioso, em seguida a grife Os RGS e, por último, a grife Os mais Imundos.....	41
Imagem 35 – Imagem de um atropelo em Maceió, 2019.....	42
Imagem 36 – Tag do pixador Loucura.....	43
Imagem 37 – Tag feita no estilo grapixo.....	43
Imagem 38 – Tag feita no estilo xarpi.....	44

Imagem 39 – Tag feita no estilo canetão.....	44
Imagem 40 – Marcador utilizado para fazer o canetão, o squeezer.....	44
Imagem 41 – Tag feita no estilo Bomb.....	45
Imagem 42 – Técnica conhecida por escada.....	45
Imagens 43 e 44 – Técnica conhecida por escalada.....	46
Imagem 45 – Pasta colecionadora com folhinhas cheias de tags de vários pixadores.....	46
Imagem 46 – Capa do capítulo 1, Jaraguá, 2021.....	47
Imagem 47 – Propaganda turística de Maceió.....	48
Imagem 48 – Comentários no post sobre a pixação na Igreja de São Gonçalo em 1984.....	52
Imagem 49 – Pixação “Vacina no braço, comida no prato” no bairro do Jaraguá, 2021.....	53
Imagem 50 – Pixação contra o político Alberto Sexta-Feira, no bairro do Centro, 2019.....	53
Imagens 51 e 52 – Pixações do movimento Anarkopunks no bairro de Jaraguá, 2019.....	54
Imagem 53 – Pixação do movimento Anarkopunks no bairro de Jaraguá, Maceió, em 2021.....	55
Imagens 54 e 55 – Pixações feitas pelas torcidas organizadas dos times de futebol CRB e CSA. Centro de Maceió, 2109.....	56
Imagem 56 – Pixação contrária às torcidas organizadas.....	57

Imagem 57 – Símbolo da grife PIXAL no meio dos símbolos de outras duas grifes paulistas. Centro de Maceió, 2019.....	59
Imagem 58 – Reprodução do símbolo da grife PIXAL, destacando as letras ocultas no seu design.....	60
Imagens 59, 60, 61 e 62 – Símbolos das grifes M\$M, Crew das Minas, 20_01 e Zona Única junto de esquemas que explicam seus significados.....	61
Imagens 63 e 64 – Símbolos das grifes ADT e Eternus junto de suas representações vetorizadas.....	61
Imagens 65 e 66 – Siglas das grifes UARAL e SCP, respectivamente.....	62
Imagem 67 – Pixação da integrante da Crew das Minas, Lizz, ao lago de tags masculinas. Centro, 2019.....	63
Imagem 68 – Pixações feitas na conhecida Praça do Skate, em 2018.....	64
Imagem 69 – Pixação de integrante da Crew das Minas no bairro de Jaraguá, 2021.....	65
Imagens 70 e 71 – Tag do pixador paulista Sabot em Aracaju, 2019 e Sticker do pixador maceioense Insano na Bahia, 2020.....	67
Imagem 72 – Palavra JUSTIÇA entre tags de pixadores no Bairro do Pinheiro, 2021.....	69
Imagem 73 – Pixação no antigo Banco de Londres, que agora tem vegetação saindo de suas aberturas.....	71
Imagem 74 – Antigo Banco de Londres, agora ocupado por pixações. 2021.....	72
Imagem 75 – Ruínas de antigo trapiche no Jaraguá ocupado por pixações e graffitis. 2021.....	72

Imagem 76 – Interface do mapa de Maceió criado com os pontos dos pixos e suas fotografias, 2023.....75

Imagem 77 – Capa do capítulo 3, o que sobrou do bairro do Pinheiro, 2021.....76

Imagens 78 e 79 – Pixações no Mercado da Produção em Maceió, 2021.....80

Imagem 80 – Prédio do antigo INSS no Centro de Maceió, 2019.....81

Imagens 81 e 82 – Pixações com códigos feitos pela prefeitura nas casas desabrigadas no bairro do Pinheiro, 2021.....83

Imagem 83 – Bairro do Pinheiro, um dos atingidos pelo desastre urbano. 2021.....84

Imagem 84 – Casa no Pinheiro com os nomes dos integrantes da família que ali convivia. 2021.....85

Imagem 85: Tag do pixador Wike junto de uma frase contra a Braskem no bairro do Pinheiro. 2021.....87

Imagens 86, 87 e 88 – Pixações encontradas no bairro do Pinheiro, 2021.....88

Imagens 89, 90 e 91 – Pixações encontradas no bairro do Pinheiro, 2021.....89

Imagem 92 – Prints feitos num post sobre as pixações de Del Pedófilo em um grupo de uma página muito seguida pelos maceioenses.....91

Imagem 93 – Atividade escolar de uma criança moradora do bairro da Levada, em Maceió, 2020.....92

Imagem 94 – Mural de tags de pixadores maceioenses no bairro de Jaraguá, 2021..... 93

Imagem 95 - Edifício inacabado , construtora e que hoje é ocupado por outros moradores, 2021.....94

Imagens 96, 97 e 98 – Pixações no Centro com as datas 15, 13 e 16, respectivamente. 2019.....96

Imagem 99 – Metalinguagem. Jaraguá, 2021.....99

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Divisão de Bairros de Maceió.....	49
Mapa 2 – Divisão de Bairros de Maceió e as áreas citadas.....	50
Mapa 3 – Mapa do Google Maps com as avenidas Fernandes Lima e Menino Marcelo destacadas, além dos bairros de Jaraguá e Centro circulos.....	74

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. O percurso do rolê.....	15
1.1 O percurso do rolê.....	16
1.2 O pixo tem história.....	26
1.3 Os traços do pixo.....	40
2. Rolê em Maceió.....	47
2.1 O rolê em Maceió.....	48
2.2 Pixação Maceioense.....	51
2.3 A mulher no rolê.....	62
2.4 Muros e telas.....	66
2.5 Picos horizontais.....	70
3. O pixo enquanto afeto.....	76
3.1 FotoAfeto.....	77
3.2 Memória.....	82
3.3 Permanência.....	90
Os riscos traçados.....	97
Referências Bibliográficas.....	100



INTRODUÇÃO

Não ceder ao choque de outro corpo; opor força à força; defender-se; conservar-se firme, não sucumbir; durar, subsistir, conservar-se... Esses são alguns significados da palavra “resistir” encontrados no dicionário. Habitar a cidade é um ato de resistência. Se resiste ao muro, ao vazio, ao vigiado, ao negado, ao tempo. E nesse processo são formados grupos, amigos, memórias e afetos frutos de interações humanas imprevisíveis e inesperadas.

A pixação – nessa discussão sempre escrita com x ao invés de ch, como fazem os integrantes do movimento – nasceu e se desenvolveu nessa série de conflitos existentes no espaço urbano, onde há disputas não só de territórios, como também de direitos. Ao tentar enquadrar toda a população em moldes convenientes para um sistema que prioriza seus números ao contrário do bem estar humano, não é surpreendente que haveria tentativas de quebrar esses padrões pré-estabelecidos.

O pixo, em toda a sua história, está diretamente conectado aos movimentos sociais de luta e protesto, numa busca de retomar não só lugares, mas também vozes e visibilidade. Numa sociedade já desigual, a forma de se fazer cidade – por meios institucionais – pode intensificar as divisões e isolar ainda mais indivíduos. Aqui, falo de isolamento não só físico, mas também social, onde há diversos silenciamentos de grupos considerados indesejados.

Como explica Bauman (2009), essa exclusão é consequência direta da decomposição do Estado social que substituiu a solidariedade por competição, e assim os indivíduos se sentem abandonados a si mesmo, inadequados. E é exatamente essa inadequação o aspecto mais assustador daquilo que o autor

intitula modernidade líquida, pois não existe a possibilidade de reintegração.

Eles são vistos como “estrangeiros” e excluídos permanentemente da sociedade, são considerados perigosos justamente por serem *não-assimiláveis*. E é por esse motivo que o pixo causa tanto incômodo, porque os pixadores insistem em seres vistos e ouvidos num espaço que não os reconhece.

Haesbaert (2007) fala que o território é sempre múltiplo, diverso e complexo no “espaço-tempo-vivido”, ao contrário do que propõe a lógica capitalista hegemônica que, ao defender uma lógica territorial padrão e unifuncional, não admite as multiplicidades de territorialidades. E assim, tanto o Estado quanto o mercado viabilizam a estruturação de cidades cada vez mais segregadoras, com a priorização do uso do carro, construção de condomínios fechados e afastamento de áreas residenciais e comerciais. Tudo isso resultando em zonas separadas ao mesmo tempo em que a heterogeneidade da periferia continua sendo oprimida.

Todos esses fatores têm suas peculiaridades regionais já que é preciso levar em conta contextos históricos e geográficos, mas no geral, essas questões são comuns à várias localidades do mundo. Em Maceió, não é muito diferente. A capital reconhecida nacionalmente como “Paraíso das Águas” carrega inúmeros problemas urbanísticos e sociais que não são exibidos nas campanhas publicitárias que vendem seu potencial turístico. Além do mar azul, há uma realidade oculta vivenciada pela maioria dos moradores e que reflete diretamente na paisagem.

O alto número de edifícios vazios, viadutos que não melhoram o tráfego, grandes distâncias percorridas para o trabalho e baixa infraestrutura das zonas periféricas são alguns dos exemplos que conectam Maceió a várias outras capitais onde a pixação ganha força. Isso pode ser identificado nos principais pontos pixados encontrados na cidade, que depois de alguns anos de pesquisa,

foram observados e relacionados com as problemáticas aqui debatidas.

Tais estudos se iniciaram ainda no começo da graduação em Arquitetura e Urbanismo, durante a disciplina Teoria e Estética 2, em que a pixação foi objeto do trabalho apresentado pela minha equipe, compreendendo, na época, o pixo como mais uma maneira do ser humano deixar sua marca, assim como as pinturas pré-históricas e a imagem da pegada do homem na lua. Em seguida, veio o TFG (Trabalho Final de Graduação) em 2019, tendo a pixação na paisagem urbana do centro de Maceió como temática principal e, a partir daí, as observações foram mais aprofundadas.

De lá para cá, continuei as pesquisas, apresentei trabalhos e artigos sobre o assunto e desenvolvi novos pensamentos junto às disciplinas cursadas durante o mestrado, que trouxeram perspectivas ainda não debatidas sobre o ponto de vista do pixo. Alguns desses pontos serão, agora, discutidos na dissertação.

A partir dessas pesquisas, foi possível reconhecer os principais grupos de pixadores atuantes no período estudado e suas preferências. Mesmo que a prática aconteça em toda a cidade, algumas áreas são prioritárias, como as avenidas de maior atividade de automóveis e pessoas, o centro comercial e os prédios vazios. Esses últimos, são o destaque das análises, já que é um ponto específico da pixação maceioense, pois não foram encontrados relatos similares de pixadores de outras cidades.

Aqui, a intenção de perdurar na paisagem – já que tais construções raramente são pintadas novamente – é motivação fundamental de escolha pelos participantes do movimento. Uma ideia que diverge da própria essência do pixo, a efemeridade. E já que iniciei a escrita dessa dissertação utilizando compreensões do dicionário, quero aqui novamente analisar esses dois oponentes presentes no título: o efêmero e o permanecer.

A definição da primeira diz que, enquanto adjetivo, é algo “*passageiro*,

temporário, transitório...”. Já permanecer pode significar “*continuar sendo; prosseguir existindo; conservar-se, ficar*” quando o verbo está no predicativo intransitivo e também “*insistir com pertinácia; persistir*” no transitivo indireto (Oxford Languages/Google, 2023). Apesar das inúmeras variantes da língua portuguesa, esse quase confuso jogo de palavras diz muito. O mesmo verbo pode indicar tanto a duração quanto a ação. Permanecer não é só estar por muito tempo, também é lutar. E quando os significados se encontram, quase não há mais contradição. A pixação tanto é efêmera como permanece. Seja por um dia, um mês, anos ou décadas. Ela permanece na sua efemeridade porque além de marcar a cidade, ela é resistência.

E dentro desse processo, várias relações acontecem, entre os integrantes dos grupos, as ruas, os poderes públicos e os moradores, gerando encontros conflitantes ou não. É compreender tais dinâmicas o objetivo do debate, que será feito ao longo dos três capítulos desta dissertação.

No primeiro capítulo, será apresentado o percurso da pesquisa – que vem sendo desenvolvida desde 2019 e que já teve diferentes desdobramentos – além de uma retomada histórica nacional e internacional do movimento, desde seus primeiros registros até hoje. Também serão exemplificados os termos utilizados pelos pixadores e as variadas formas de pixação encontradas para melhor entendimento do que será retratado em seguida.

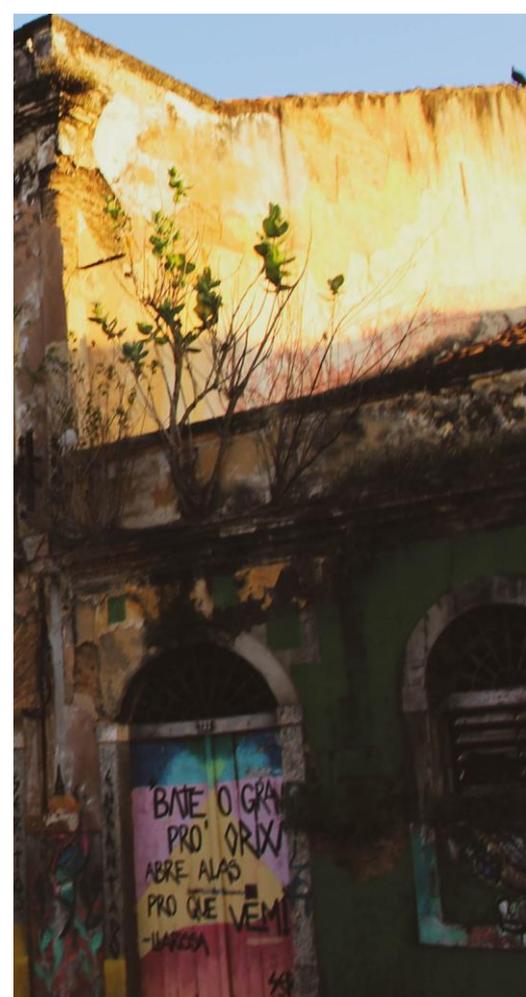
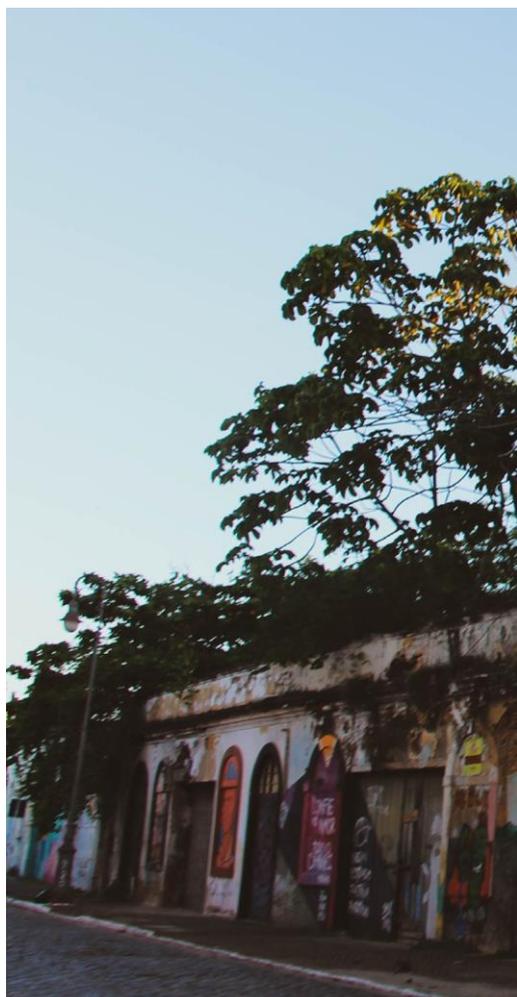
Já o capítulo dois traz a cena de Maceió para o centro da questão, com seus grupos e diferenças, traçando um paralelo com o uso das redes sociais que servem como extensão dos muros para a comunidade do pixo, e como as características arquitetônicas e urbanísticas do território influenciam na forma de se fazer a pixação na capital alagoana.

Por último, no capítulo três, será tratado o pixo enquanto afeto, já que independente da aceitação ou não da pixação aos olhos da maioria da população,

seus escritos marcam a memória não só de que os fez, mas também dos moradores que passam pelas ruas e guardam no inconsciente todo um período de tempo em que aqueles conjuntos de letras fizeram parte do cenário urbano. Ainda serão relatadas as diversas conexões humanas resultantes do pixo, já que a forma de encarar a cidade pelos pixadores é única e importante de ser analisada.

Nesse mesmo capítulo será retratada minha experiência com a fotografia e o pixo, as permanências da pixação no vazio e a pixação enquanto memória dos afetados pela tragédia ambiental que destruiu vários bairros de Maceió. A complexidade do pixo enquanto movimento faz com que o entendimento de cidade já estabelecido seja incompleto, recortado. Existe uma infinidade de ações acontecendo na urbe que ainda precisam ser descobertas e percebidas. Por isso, é fundamental se conhecer as nuances do movimento para a compreensão do que é a Maceió além dos holofotes.

Imagem 1: Edifício vazio no bairro de Jaraguá, Maceió, 2021. Fonte: Acervo pessoal.



1. O percurso do rolê



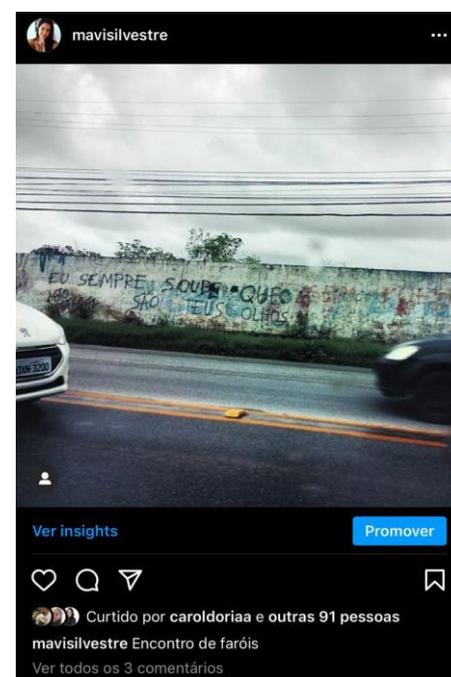
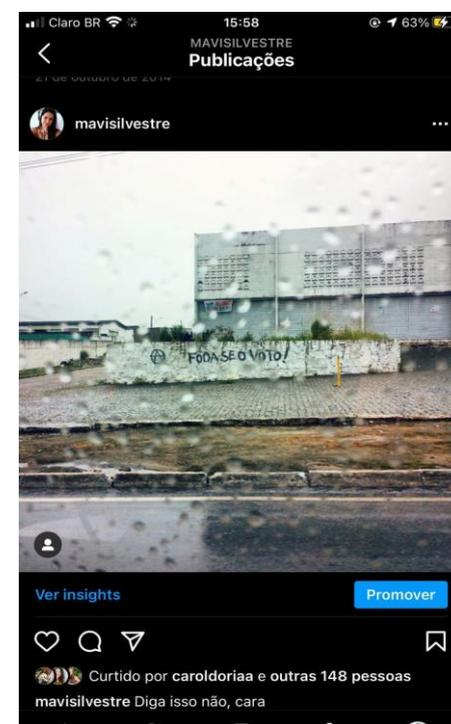
1.1 O percurso do rolê

O pixo enquanto fenômeno urbano tem sua história, mas antes de apresentá-la, quero falar do meu caminho analisando a pixação. Não me recordo exatamente a partir de que momento os escritos nos muros começaram a chamar minha atenção, mas os primeiros registros fotográficos que fiz datam de 2012 ou 2013. Exatamente o período de ascensão do Instagram como rede social de fotos, junto com a popularização dos celulares com câmeras cada vez melhores, já que os modelos anteriores não apresentavam boa qualidade de imagem.

Essas são algumas imagens feitas entre 2013 e 2014. Eu sei exatamente em quais locais da capital elas foram feitas e, até hoje, sempre que passo por essas paredes eu lembro do que tinha escrito no dia que fotografei, mesmo que elas já tenham sido pintadas posteriormente. É interessante pensar como mesmo diante da essência efêmera da pixação, um espaço continua sendo preservado na minha memória sem que eu nunca tivesse feito parte ativamente dela¹

Imagens 4, 5 e 6: Prints do meu Instagram pessoal que mostram algumas pixações em Maceió entre os anos de 2013 e 2014. Fonte: Instagram

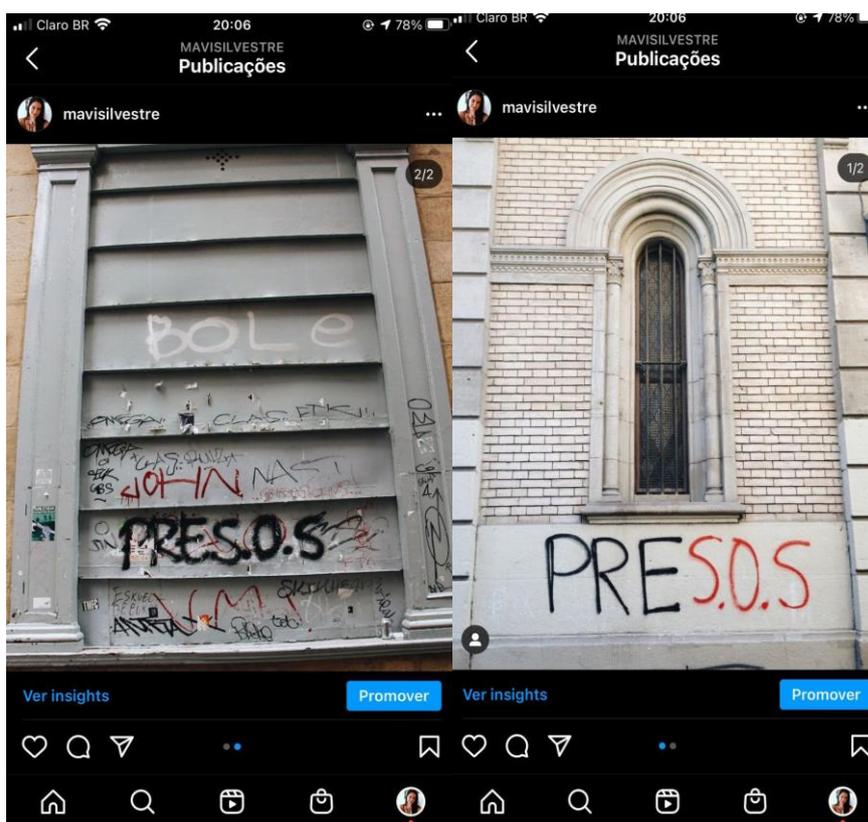
¹ Falo aqui do ato de pixar, já que toda a produção já realizada por mim sobre o pixo também faz de mim um sujeito ativo na construção da memória do pixo.



A primeira foto foi feita ainda no ensino médio, no trajeto a caminho do colégio. À época, eu não sabia que a palavra “Merda” era na verdade a *tag* – como eles chamam seus codinomes escolhidos, geralmente o que é mais visto sendo escrito nas ruas – de um pixador que estava iniciando no pixo em Maceió. O que só descobri seis anos depois, em 2019, durante as pesquisas para meu Trabalho Final de Graduação. E fazer essa conexão entre meu passado, que ainda não tinha nem entrado na faculdade de arquitetura e urbanismo, com minha apresentação de conclusão do curso me fez perceber que a pixação atravessa não só quem pixa, mas todos que habitam a cidade.

Ainda antes do TFG, em 2015, numa viagem ao norte da Espanha, pude observar algumas inscrições “PRE S.O.S” nas ruas de cidades que fazem parte da região do País Basco. Lá, me explicaram que os presos membros do ETA – grupo que procura a independência da área – estavam em Madri e havia uma tentativa de transferi-los para prisões próximas de suas famílias.

Nesse momento, percebi no pixo de outro continente a mesma natureza de protesto encontrada no movimento brasileiro, mesmo ainda não tendo me aprofundado no tema. Cada local tem sua história e lutas, e a pixação une todos eles.



Imagens 7 e 8: Prints do meu Instagram pessoal que mostram algumas pixações em cidades da Espanha em 2015. Fonte: Instagram

E foi assim, me atentando ao que dizia as ruas, que decidi facilmente o que iria retratar no Trabalho Final de Graduação. Nunca houve outro tema em mente que não o pixo. Mas apesar da certeza, foi um longo processo até o último resultado. De início, só a curiosidade era concreta. Nunca tinha estudado sobre o assunto, não compreendia os termos, não conhecia um pixador. E o que parecia fácil, se tornou uma tarefa quase impossível.

Quase não havia material documentado sobre a temática em Maceió. Basicamente todos os artigos e livros encontrados falavam de São Paulo e outras grandes metrópoles, logicamente pela sua grande representatividade na questão, mas sobre a capital de Alagoas só foram encontrados artigos que tratavam da pixação feita pelas torcidas organizadas dos times de futebol local. Então precisei começar praticamente do zero, já que não sabia nem a quem recorrer por informações.

De tanto tentar sem sucesso, até considerei reconfigurar as ideias e ir por outro caminho, mas decidi continuar tentando. E foi novamente através do Instagram que tudo fluiu. Fiz um trabalho de garimpo nas redes, buscava hashtags que me levaram a perfis que levavam a outros perfis de pixadores. Falando assim até parece que foi fácil, mas foram dias e madrugadas de rastreio até achar o que eu estava procurando. E se encontrar as contas já foi tarefa complicada, entrar em contato parecia impossível. A maior parte delas era privada e, ao mandar mensagem explicando o motivo do meu interesse em conversar com eles, geralmente não tinha resposta ou recebia um não como retorno.

Ao mesmo tempo lia livros, artigos e revistas para conseguir compreender não só a linguagem da pixo, mas também sua verdadeira essência. Assim entendi o real motivo de não ter tido tanto sucesso com as entrevistas, pois a pixação tem por base os ideais de revolta e protesto e está envolvida em inúmeras questões

sociais como exclusão social, criminalidade, desigualdades e moradias periféricas. Além disso, a prática no Brasil constitui crime ambiental e, obviamente, os pixadores correm riscos ao serem expostos. Por isso a justificável relutância em falar com uma desconhecida como eu. Mas, segui em busca até que alguém se sentisse seguro em se comunicar.

Os poucos que me responderam, cerca de cinco pessoas, já me mostraram parcialmente o que acontecia na cena maceioense. Inicialmente, me falaram vagamente sobre seus grupos, que só consegui identificar seus símbolos indo diretamente às ruas e analisando suas formas, assim, reconhecendo quem fazia parte de cada *grife* – como eles costumam categorizar um conjunto de pixadores que se identificam de alguma maneira – e assimilando como se davam essas junções.

A leitura dos símbolos foi um verdadeiro quebra-cabeças que levei algumas semanas para decifrar. Ao final, fiz um esquema com as grifes encontradas para explicar a lógica por trás desse trabalho gráfico que, à primeira vista, nada diz, mas olhando bem, tudo está lá, escrito.

Depois vieram as percepções sobre os lugares. E isso não foi feito ao acaso. No método cartográfico, não se trata de uma ação sem direção, mas há uma inversão no sentido tradicional de método, mesmo que a pesquisa continue tendo uma orientação (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009). Dessa maneira, comecei a andar pela cidade, sempre com minha câmera ou celular na mão, e foi junto do percurso que tracei os objetivos da pesquisa.

Assim, acabei notando uma maior frequência nas grandes avenidas da cidade, talvez por passar por elas todos os dias durante cinco anos para ir para a faculdade. Outros pontos que chamam atenção são os bairros do Jaraguá e Centro, esse último, inclusive, foi o recorte escolhido para o TFG. Esses locais têm em comum algumas características, principalmente o considerável fluxo de pessoas todos os dias, o que

importa para o pixo pois a visibilidade é um dos intuitos.

Mas falando especificamente do Jaraguá e Centro – bairros que nasceram junto da criação de Maceió –, percebe-se que hoje eles apresentam uma grande quantidade de edifícios abandonados há anos, às vezes décadas. Como a ocupação é basicamente comercial e institucional, há poucos moradores à noite, o horário ideal para a pixação, dessa forma, eles se tornam os principais locais de escolha dos integrantes das grifes.

A diferença entre os bairros é que o Jaraguá vem, nos últimos anos, se tornando palco de diversos encontros culturais que estão alterando essa organização e fazendo com que o espaço seja ocupado também durante à noite. E essa ocupação é geralmente feita por um público que simpatiza com os murais e graffitis que estão se tornando identidade do bairro, o que não ocorre com o resto da cidade.

Além disso, comecei a notar uma espécie de disputa entre o pixo e a publicidade, já que pelo intenso movimento de pessoas, os mesmos muros são ideais tanto para a pixação quanto para a propaganda. E aí vieram os questionamentos. Por qual motivo o formato que estimula o consumo é aceito e a expressão de uma insatisfação não?

Em seguida, as marcas do tempo. Assim como nos outros estados, é comum entre os pixadores escrever o ano corrente ao lado de sua tag, assim, é possível saber há quantos anos a inscrição permanece no lugar. E nesses prédios desabitados elas costumam durar muito, já que, por falta de cuidado, raramente cobrem com tinta o que foi escrito. Assim, compreendi um dos maiores contrastes do pixo maceioense para as demais cidades brasileiras, a permanência. Em nenhum trabalho lido sobre outras capitais, foi mencionado algo parecido, muito pelo contrário, a própria essência da pixação se encontra na efemeridade das intervenções.

Todas essas análises foram relatadas, mas não aprofundadas no TFG, já que o foco era outro. Por isso, mesmo finalizando a graduação, continuei adentrando o universo do pixo ainda mais.

Pouco tempo depois da apresentação do meu TFG, fui convidada para falar sobre o tema em um fórum sobre estéticas urbanas e políticas públicas realizado por estudantes de filosofia da UFAL. No momento, eu não sabia que estavam presentes vários pixadores da cidade que, após o evento, se tornaram mais abertos às minhas perguntas. A partir daí, vários deles aceitaram minhas solicitações no Instagram e continuei seguindo mais e mais perfis, passando horas explorando todo o conteúdo que estava ali, implícito nas postagens e, algumas vezes, interagindo virtualmente com eles.

Continuei fotografando o que via nas ruas de todas as cidades que passava. Ainda em 2019 visitei São Paulo, a maior referência do movimento nacional e, além dos pontos turísticos já consolidados, fiz questão de passear pelos *points* – como são chamados os pontos de encontro entre os participantes do pixo – que reconheci no Instagram de pixadores paulistanos.

Imagens 9, 10 e 11: Prints do meu Instagram pessoal que mostram algumas na cidade de São Paulo em 2019. Fonte: Instagram



Também pude identificar suas tags, já que alguns perfis são tão famosos que chegam a trinta, quarenta mil seguidores. Mas sempre sem mostrar o rosto, só seu trabalho. São Paulo é quase como um grande museu do pixo, em todo lugar que você olha tem algum nome de um gigante no movimento.

Queria aqui falar também sobre o lento processo de conseguir ler o pixo. Logo de início, eu não conseguia distinguir direito o que cada traço significava, até hoje alguns ainda não ilegíveis para mim, mas com o passar dos anos acabei treinando o olhar e identificando a maior parte do que está escrito, principalmente em Maceió. Atualmente conheço a maioria das tags e sei quando algum pixador novo passou a atuar na capital. Para mim, sair de casa é sempre uma constante observação do pixo, mesmo que inconscientemente.

No final de 2019, participei da seleção do mestrado. Eu já sabia que queria continuar estudando a temática, mas não tinha tanta certeza sobre o que de novo eu iria trazer após o TFG. À época, a proposta inicial tinha como objetivo relacionar a maior incidência da pixação com a forma de desenvolvimento urbano implantada em Maceió, conectando o fenômeno com os efeitos de uma cidade desigual e sua evolução histórica. Isso procurando trazer o ponto de vista dos pixadores para a discussão, já que agora eu teria mais abertura para entrevistá-los. Mas com o passar dos meses e com o próprio caminho tomado pela pesquisa, tudo foi mudando.

Em meio a uma pandemia, algumas ordens do primeiro cronograma precisaram ser alteradas, não sendo possível realizar as entrevistas presenciais que seriam necessárias. Falo aqui da importância do corpo nas interações com esses atores. Derrida (2012) diz “O corpo é, como dizer?, uma experiência no sentido mais viajante do termo: é uma experiência de enquadramentos, de deiscência, de deslocamentos.” (p. 31)

E já que eu venho de uma realidade totalmente distinta da deles, no ao vivo surgiriam pontos que normalmente não seriam trazidos à tona online. As

respostas via internet acabam ficando engessadas, sendo a presença física o ideal dentro de assunto tão multifacetado.

Como também não há produções acadêmicas sobre a pixação em Maceió que, com suas especificidades, não podem ser comparadas com as cidades geralmente estudadas por autores que tratem do pixo, optei por reconhecer primeiro o que as ruas me diziam antes de estabelecer uma linha bibliográfica para tratar na dissertação.

Dessa forma, a cartografia foi o principal método escolhido. Era o que mais cabia na temática, já que não havia o conhecimento prévio. Passos;Kastrup; Escóssia (2009) explicam que:

“Considerando que, objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar, não se pode orientar a pesquisa pelo o que se suporia saber de antemão acerca da realidade: o know what da pesquisa. Mergulhados na experiência do pesquisar, não havendo nenhuma garantia ou ponto de referência exterior a esse plano, apoiamos a investigação no seu modo de fazer: o know how da pesquisa. O ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência do saber. Eis aí o “caminho” metodológico.” (PASSOS;KASTRUP;ESCÓSSIA, 2009, p. 18)

Os autores ainda dizem que a pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, o pesquisador não habita. É preciso se deixar levar por essa campo coletivo de forças para justamente desenhar essa rede de processos a que o objeto de estudo está conectado (Passos;Kastrup;Escóssia, 2009). E foi dessa maneira que conduzi – ao mesmo tempo em que era conduzida – esse trabalho.

Além disso, outros encaminhamentos foram feitos durante as disciplinas cursadas no mestrado. Precisei revisitar questões de raça, gênero, classe social e cultura dentro das dinâmicas urbanas através de novas abordagens que foram trazidas por diversas matérias, algumas inclusive sem grandes conexões com o meu tema, aparentemente. Foi o caso de “Turismo, espaço e desenvolvimento”,

que me apresentou teorias ainda desconhecidas por mim sobre o tipo de turismo existente em Maceió e que rapidamente pude confrontar com os dilemas trazidos para a população que realmente habita a capital.

Com a soma de tanto conteúdo adquirido nas redes sociais e nas ruas, percebi a existência de fatores únicos da pixação maceioense ainda não discutidos, como a constante escolha por edifícios vazios – que são ocupados pelo pixo – que acabam permanecendo não só na paisagem, mas também na memória de quem vive Maceió. E através disso, são criadas relações afetivas diretas e indiretas através do movimento. De um lado, os pixadores que experienciam amizades e identificações numa cidade que geralmente não os aceita. De outro, os demais moradores que, muito embora não aceitem, guardam memória dos escritos já lidos pelos muros.

Foi então que defini o objetivo geral da dissertação, que é reconhecer as relações de permanência que a pixação estabelece entre a cidade de Maceió e seus habitantes. Desdobrando essa intenção geral, o trabalho se propõe a identificar as características próprias do movimento do pixo em Maceió, registrando a atuação da cena atual. Outro ponto importante foi o de verificar a influência das redes sociais no movimento e, conseqüentemente, na cidade, além de tentar compreender como a pixação afeta os diversos indivíduos existentes na cidade.

E assim, cheguei no ponto atual do trabalho. Falo atual porque com a pixação nunca é final. Aqui, trago apenas um recorte, pois é um movimento que literalmente está se movendo o tempo inteiro e que ainda tem muito a percorrer dentro das cidades.

Imagem 12: Pixações no bairro de Cruz das Almas, 2021. Fonte: Acervo pessoal.



1.2 O pixo tem história

A pixação foi se transformando junto das mudanças sociais urbanas do mundo, mas se tem algo que se pode reconhecer em todos os períodos é a intenção de afirmar uma ideia. Seus primeiros registros foram encontrados nas cidades de Nova York e Philadelphia, nos Estados Unidos, durante a década de 1960. Já nesse momento, existia uma conexão direta com o movimento hip hop – que sempre esteve envolvido com ideais de pertencimento – e também com uma disputa territorial de algumas gangues por diferenças étnicas (FILARDO, 2015)

Importante lembrar que ambas localidades possuíam uma clara separação entre cidade rica e cidade pobre e que, como afirma Filardo (2015), os anos pós-guerra foram marcados por um aumento dessa segregação espacial e abandono dos centros urbanos, fenômenos que abriu brechas na defesa dos imóveis e contribuíram para o aumento das pinturas. Nessa época, os próprios participantes do movimento se chamavam de *writers*, mas com o tempo a polícia passou a utilizar o termo *graffiti*, que é utilizado até hoje em todo o mundo, com exceção do Brasil. Por aqui, existem algumas versões para a origem da palavra pichação para descrever o movimento no país, uma delas é de que vem do “piche”, substância preta e pegajosa que remete aos escritos nos muros, outra hipótese é que vem do barulho que o spray faz quando é apertado.

O tema das inscrições também já eram as tags, que podiam ser tanto individuais como coletivas, já que alguns grupos multiétnicos se formaram e criavam um codinome próprio para a equipe. A esses conjuntos foi dado o nome de *crews* – expressão ainda hoje utilizada, inclusive no Brasil, mas havendo algumas variações como a palavra grife – que se espalharam não só pelo resto do país, mas pelos tantos outros que mesmo com suas diferenças históricas e culturais, apresentavam situações similares. Filardo (2015) complementa que, apesar das distâncias, nesses locais que se unem através do pixo, são encontrados os mesmos dilemas: violência, drogas, abuso policial, crime e pobreza.



Imagem 13: Metrô de Nova York, em 1985, pelo fotógrafo Richard Sandler.

Fonte: Site do fotógrafo Richard Sandler, 2021.

Imagem 14: Frase pixada durante a Revolução de Maio de 1968, em Paris. Fonte: Site Hypeless, 2018.



Diferente das tags mais comuns nas áreas estadunidenses, na Europa houve uma forma de protesto mais direta nas intervenções urbanas feitas em Paris, mais especificamente na Revolução de Maio de 1968. Havia várias reivindicações: Os trabalhadores denunciavam más condições de trabalho e salários injustos, já os estudantes eram contrários à guerra do Vietnã e também se opunham às regras consideradas arcaicas nas formas de ensino e dentro das universidades. Desse período, algumas frases ficaram imortalizadas nas ruas da capital francesa, como o “É proibido proibir” e “Sejam realistas, exijam o impossível”.

No Brasil, não aconteceu diferente, claro que dentro de suas especificidades. O país com diversas problemáticas sociais teve suas primeiras imagens feitas do pixo também na década de 1960 e continham um conteúdo reivindicatório. Durante a ditadura militar (1964-1985), a pixação se tornou mais uma forma de protesto contra o regime opressor vigente. Principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, era possível visualizar frases como “Abaixo a ditadura militar”, “Terrorista é a ditadura que mata e tortura” e “Ditadura assassina”, entre várias outras expressões de revolta.

Imagens 15, 16 e 17: Frases pixadas durante a ditadura militar no Brasil, que aconteceu entre 1964 e 1985.
Fontes: Site Resistência em arquivo, Revista Veja e Jornal Deutsche Welle (DW), respectivamente.



A partir daí, vieram as variações. Muitos pixadores paulistanos consideram que um dos precursores do pixo local foi o seu Antenor Lara Campos, dono de um canil que vendia cães da raça Fila que ficava no Km 26 da estrada.



Imagem 18: Seu Antenor e sua pixação Cão Fila Km 26, em São Paulo. Fonte: Site Foco no Jardim Mirim.

De acordo com o documentário PIXO (2009), na década de 1970, ele passou a inscrever “Cão Fila K26” em vários pontos da cidade como forma de divulgar seu negócio e marcou uma parcela de pessoas que viam sua propaganda na rua. Mesmo não carregando a essência e a intencionalidade da pixação, a ideia de Antenor que muitas vezes não era compreendida como forma de publicidade, gerou curiosidade de quem passava pelos seus escritos e fez com que as outras gerações o vissem como pioneiro no tipo de intervenção.

Imagem 19: Uma das propagandas do Seu Antenor em São Paulo. Fonte: Site Foco no Jardim Mirim.



Na década seguinte, 1980, também em São Paulo, havia um tipo de pixação ainda pouco ligada às tags e disputas de gangues que viriam a seguir. Nesse momento, era comum encontrar frases ainda legíveis e com mensagens poéticas e até sexuais, uma clara demonstração de uma época mais livre pós-ditadura.

Imagem 20: Conjunto de pixações na década de 1980, em São Paulo, feitas pelo fotógrafo Ennio Brauns.

Fonte: Site BesideColors.



Já no Rio de Janeiro, nesse mesmo período, nasceu uma nova modalidade de pixação até então desconhecida. O xarpi. Na técnica, a tag é escrita num formato que parece uma assinatura, uma rubrica, e que muitas vezes é escrita alterando a ordem das sílabas, sendo ainda mais difícil de se identificar. Atualmente ainda é o tipo de pixo mais encontrado na antiga capital do país e se espalhou por todos os outros estados, inclusive Alagoas.

Imagem 21: Xarpi, estilo de pixação originário no Rio de Janeiro. Fonte: Site BesideColors.
 Imagens 22 e 23: Feitos do Pixador “Vinga” no relógio da Central do Brasil e na Igreja da Candelária nos anos de 1990 no Rio de Janeiro. Fonte: BesideColors.



Enquanto o xarpi se difundia no Rio de Janeiro na década de 1990, em São Paulo outro estilo de pixo era desenvolvido. O que passou a ser chamado como “Pixo reto”, teve várias origens que vão desde os escritos das ruínas anglo-saxônicas até as fontes das letras de alguns discos de punk e rock da época. (PIXO, 2009)

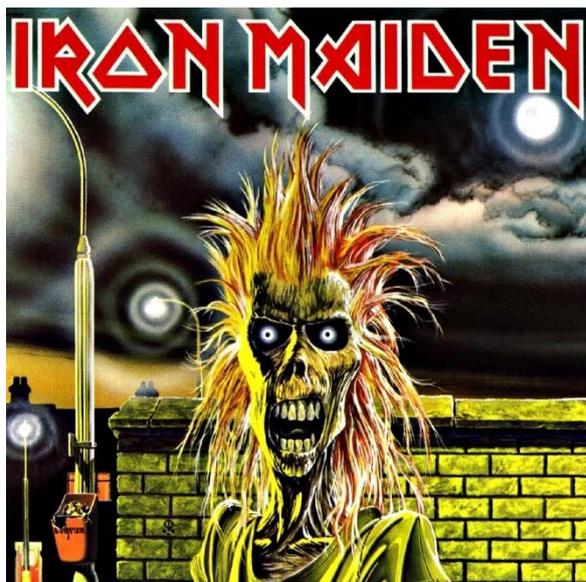


Imagem 24: Capa de disco da banda Iron Maiden, que serviu de inspiração para as letras dos pixadores. Fonte: Site IronMaidenBrasil.

As principais características das tags eram as letras maiúsculas e angulosas feitas com traços retos, facilitadas pelo uso do rolinho de tinta látex ao invés do spray, que acabam tendo um custo mais baixo e acessível.

Além da tipografia, a maior inovação do pixo paulistano é o que eles chamam de escalada. A prática de pixar nas fachadas de prédios cada vez mais altos nasceu em São Paulo, se espalhou para outros estados e virou referência no mundo, que reconhece a pixação brasileira como uma das mais expressivas já existentes. Desde seu início até hoje, a cena dos pixadores da metrópole global – geralmente moradores da periferia – costumam se reunir em locais conhecidos como points, quase sempre no centro da cidade, onde eles trocam as famosas folhinhas – pedaços de papel com suas tags assinadas como forma de socializar, se identificar na cidade e registrar a história do pixo.

Laje e topo de prédios são os novos alvos de pichação

Do Reportagem Local

Depois de pichar quase todos os espaços disponíveis no nível do solo, os pichadores de São Paulo estão buscando novos desafios. Na avenida Brigadeiro Faria Lima, em Pinheiros (zona oeste de São Paulo), vários prédios têm pichações nos últimos andares. No edifício Barão de Rothschild, na av. Faria Lima, 1855, esquina com a av. Rebouças, há pichações na laje, na parede lateral e no 16º andar, a 60 metros de altura. Para chegar até o telhado, os pichadores tiveram de passar pela casa das máquinas do edifício e pular uma pequena janela que dá para o alto do prédio.

O porteiro do edifício, Luís Roberto Manente, não sabe explicar como os pichadores passaram pela segurança. Segundo ele, a pichação do alto do edifício foi feita há duas semanas e ninguém percebeu nada. Manente acredita que os autores das pichações sejam pessoas que trabalham no próprio prédio e que ficam esperando a noite para começar a "trabalhar". A mesma pichação é encontrada em vários locais da zona oeste e centro da cidade.

O prédio está passando por uma reforma geral, que inclui a limpeza das pichações. Uma delas, a vertical, já foi parcialmente apagada. O zelador do edifício, Manoel Silva, afirma que recebeu várias reclamações contra a vigilância do prédio, por causa da ação dos pichadores. Ele também acredita que os responsáveis trabalham no prédio, e disse que após as reformas, será montado um esquema especial de vigilância.

"Se não fizermos isso, no dia seguinte amanhece tudo pintado outra vez", afirmou. Segundo Silva, os pichadores conhecem o prédio por dentro e chegam até a laje frontal do edifício pela escada do incêndio.

Roberto Rodrigues, zelador do edifício Barão de Água Branca, vizinho ao Rothschild, também acredita que a escada de incêndio do prédio ao lado tenha facilitado o trabalho dos pichadores que pintaram a fachada do edifício há cerca de dois meses. Rodrigues disse que os "vagabundos" se penduraram na laje para pichar.

Ao contrário dos condôminos do Rothschild, Rodrigues afirma que ninguém, a não ser o síndico do prédio, reclamou da pichação. "Eles já estão acostumados. Esse pessoal já pichou a cidade inteira", disse. Apesar do desasso dos condôminos, Rodrigues disse que o vigia noturno do prédio trabalha armado e tem ordem para atirar em quem for pego pichando. "Se eles conseguem entrar no prédio para pichar, também podem roubar", afirma o zelador.

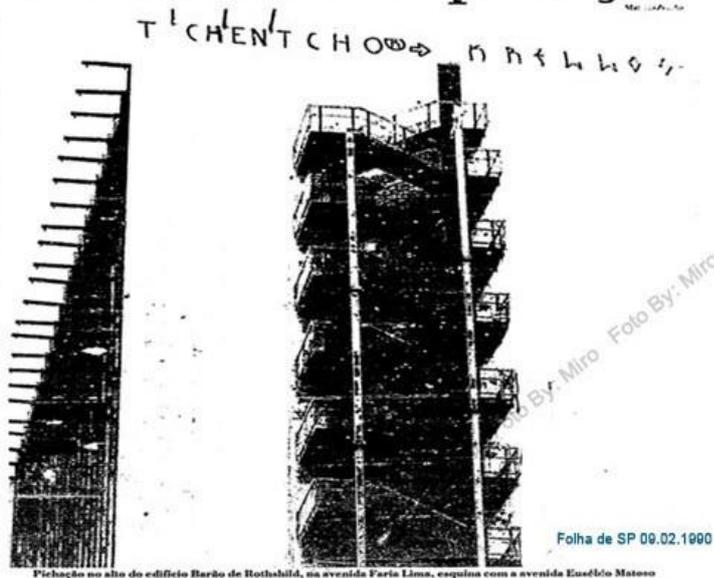
O cirurgião dentista e síndico do edifício Rothschild, Gustavo Albano, disse que "gostaria de castrar quem fez isso", mas afirma que os vigias de seu prédio não trabalham armados. Ele disse que a repressão aos pichadores é um trabalho para a polícia e não para cidadãos comuns, embora não tenha feito queixa à polícia. Ele não acredita que os responsáveis sejam pessoas do próprio prédio. Para Albano, "é o mesmo grupo de vândalos que

atua em outras regiões da cidade". Ele afirmou que após a reforma, que custou cerca de R\$ 2 milhões, vai colocar um guarda na escada de incêndio durante toda a noite.

O delegado Cláudio Alves Vargas, do 14º Distrito Policial, em Pinheiros, afirma que nunca recebeu uma queixa contra pichadores em toda sua carreira. Segundo ele, os pichadores podem ser enquadrados por dano, artigo 163 do Código Penal, que prevê pena de um a seis meses de detenção. Vargas afirma que para a polícia agir é preciso que a vítima apresente queixa. "Sem isso, o máximo que nós podemos fazer é autuar os pichadores e apreender o material utilizado por eles, afirmou.

O administrador regional de Pinheiros, Cid Barbosa Lima, afirmou que a lei municipal proíbe qualquer tipo de pichação. Segundo ele, as administrações regionais, através de seus agentes vistoristas, e a Prefeitura, com a Guarda Civil Metropolitana, vêm tentando coibir a ação dos pichadores, embora reconheça que esse trabalho não esteja surtindo efeito.

A multa por pichação é de dez UFMs (Unidade Fiscal do Município), o que equivale a R\$ 6.970,00 em fevereiro. Caso o autuado se recuse a pagá-la, a Prefeitura executa a cobrança judicial, com o valor corrigido diariamente pelo BTN fiscal. A última autuação feita pelos fiscais da administração regional de Pinheiros foi durante a campanha eleitoral para a Presidência da República no ano passado.



Folha de SP 09.02.1990

Pichação no alto do edifício Barão de Rothschild, na avenida Faria Lima, esquina com a avenida Ensebio Matoso

Imagem 25: Jornal noticiando as pichações no topo dos prédios em São Paulo. Fonte: BesideColors.

Nesse momento, eles já se uniam em grifes – há sempre um símbolo criado para representar cada uma delas e geralmente é inscrito junto à tag do pixador – e faziam fotografias tanto na hora do ato, quanto no pós, quase como se estivessem exibindo um troféu. Mesmo antes das redes sociais, as imagens já eram feitas e, como não eram expostas, eles podiam mostrar o rosto junto de suas obras.



Imagem 26: Foto tirada pelos próprios pixadores exibindo seus pixos. Fonte: BesideColors.

Importante fazer esse comparativo com o momento atual, em que o Instagram é amplamente utilizado pelos pixadores para se promover e interagir com outros integrantes do movimento. A maior diferença é que agora, eles não costumam mostrar quem realmente são, já que o alcance e o perigo de serem encontrados é muito maior.

Isso porque, em termos legais, a pixação é considerada crime pela Lei dos Crimes Ambientais, artigo 65 da Lei nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998, e mesmo quando não respondem processo, alguns dos pixadores flagrados tanto por moradores quanto pela polícia acabam sofrendo algum tipo de violência.

É interessante destacar que, dentro da própria lei, existe uma diferenciação entre o pixo e graffiti, e a segunda é considerada arte quando recebe as devidas autorizações necessárias tanto do proprietário quanto dos órgãos competentes. Na prática, são intervenções que nasceram juntas dentro do movimento hip hop e apresentam diversas similaridades, mas o graffiti acaba sendo utilizado pela sociedade em geral como mais uma forma de criticar o pixo.

Imagem 27: Foto registrando o pixador Di no topo de um prédio. Fonte: BesideColors.



Há divergências entre os pixadores sobre o tema, alguns acham que graffiti e pixo têm a mesma intenção, enquanto outros criticam grafiteiros que usam da forma de protesto para ganhar dinheiro. Já para o resto da população, há uma valorização da ideia do graffiti enquanto expressão artística e isso diz muito sobre a concepção que eles têm também sobre a origem de quem pixa. Mesmo que, em sua maioria, ambas as práticas sejam feitas por moradores da periferia, o graffiti atualmente se expandiu para outras áreas e classes econômicas e se adequou às regras sociais impostas, sendo assim mais aceito. (BEZERRA, 2019). E assim as dinâmicas seguem, sem opiniões concretas.

Mas dos fundamentos iniciais da pixação, ninguém pode ter dúvidas. Chamar atenção é a diretriz e por isso, eles tanto se arriscam – além da sensação de adrenalina descrita pela maioria –, e buscam reconhecimento, seja ele negativo ou positivo. O objetivo é causar incômodo, mesmo sem fazer referências diretas à alguma reivindicação. Conseguir ser visto e ouvido já é vitória quando, no geral, eles são invisíveis para o Estado e para a sociedade. Em carta feita aos 17 anos, em 1992, o pixador paulistano DI, que é até hoje considerado um dos maiores da história, fala diretamente sobre a falta de espaço na mídia. Ele inicia a carta dizendo:

“Venho por meio desta falar uma crítica a vocês por não darem espaço aos pichadores nos jornais. Eu acho que mesmo todos achando que a pichação é um crime, ela merece seu espaço, que ao mesmo tempo aqueles que matam, aqueles que robam e até aqueles que estrupam tem o seu direito, porque nós não? Se todos tem que ficar informado sobre o que acontece na vida do crime, tem que ficar também informado sobre a pichação, já que todos acham que é um crime o ato de pichar. [...]” (DI, 1992)

Ele resolveu escrever a carta após criar o que eles ele chama de “tipo de monumento” posto no Parque Ibirapuera. Uma espécie de escultura de sua tag tanto feito nas paredes de São Paulo, dessa vez em 3D.

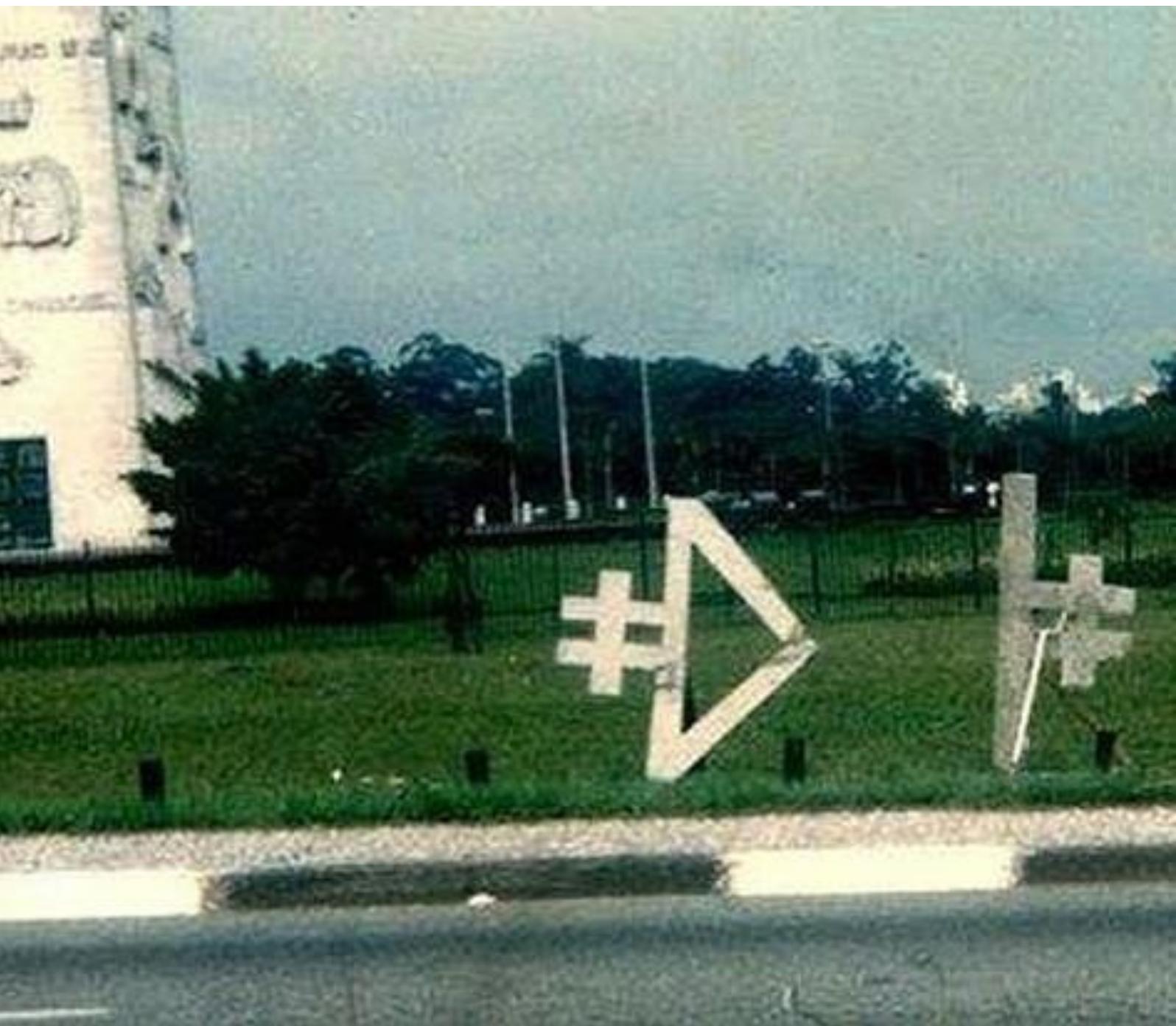


Imagem 28: Escultura feita pelo pixador DI posta no Parque Ibirapuera em 1992. Fonte: BesideColors.

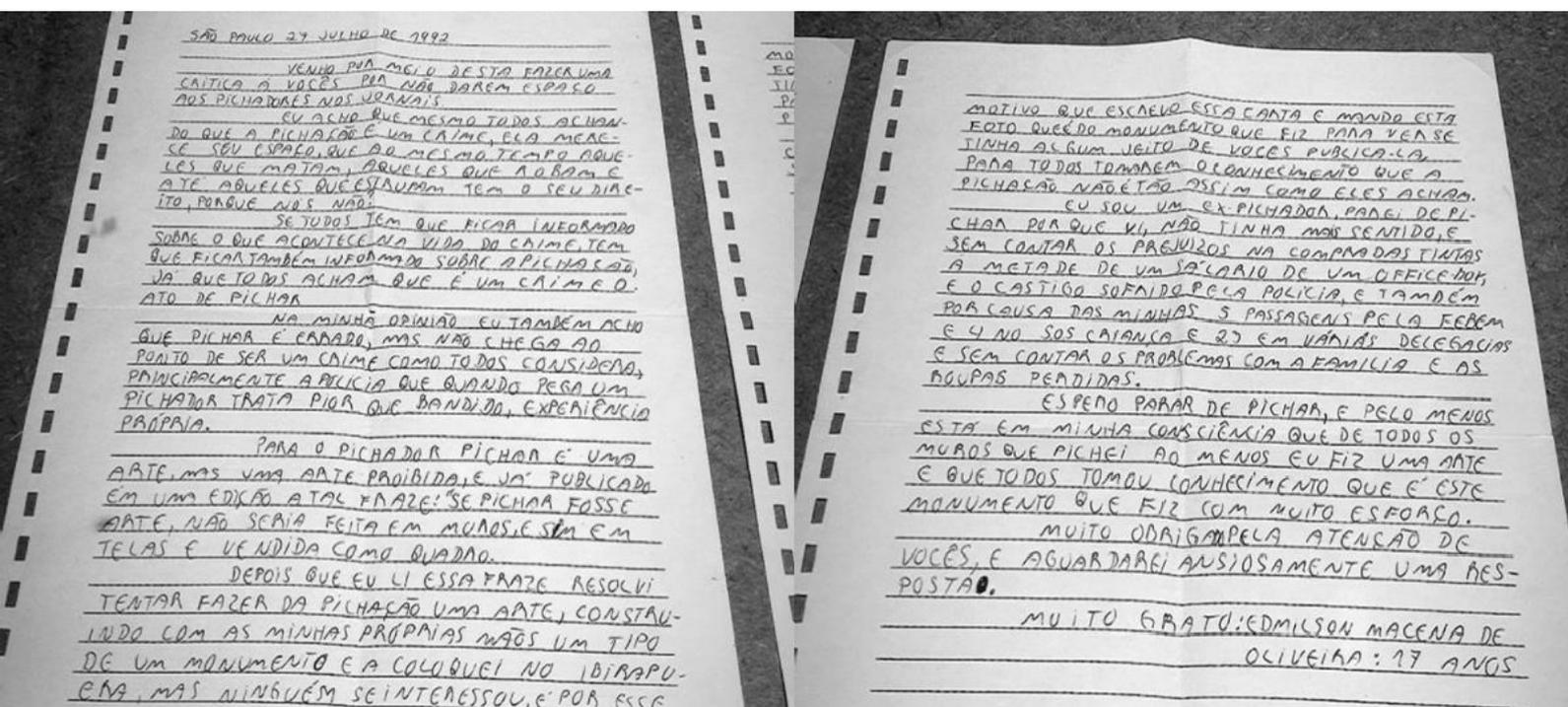
Segundo seu relato, ele teve a ideia após ler uma frase que dizia que “se pichar fosse arte, não seria feita em muros, e sim em telas e vendida [sic] como quadro” – atualmente, já existem pixadores que exibem e vendem seus trabalhos em galerias de artes – e esperava que, dessa forma, a pixação fosse mais compreendida e respeitada.

Ele finaliza a carta afirmando:

“[...] Eu sou um ex-pichador, parei de pichar por que vi, não tinha mais sentido, e sem contar os prejuízos na compra das tintas. A metade de um salário de um office-boy e o castigo sofrido pela polícia, e também por causa das minhas 5 passagens pela FEBEM e 4 no S.O.S. Criança e 23 em várias delegacias e sem contar os problemas com a família e as roupas perdidas. Espero parar de pichar, e pelo menos está em minha consciência que de todos os muros que pichei ao menos eu fiz uma arte que todos tomou conhecimento que é este monumento que fiz com muito esforço. Muito obrigado pela atenção de vocês, e aguardarei ansiosamente uma resposta. Muito grato: Edmilson Macena de Olivera: 17 anos” (DI, 1992)

DI não parou de pixar nesse momento. Mas teve uma vida curta e foi assassinado aos 22 anos de idade. Mais um jovem que estava sobrevivendo num país de poucas oportunidades e muitas desigualdades e que, no fim, só queria ser notado. E foi. Seu pixo ficou na memória e nos registros que hoje fazem parte de várias matérias jornalísticas, exposições e até documentários.

Imagem 29: Carta enviada à imprensa por DI, em 1992. Fonte: BesideColors.



Estar dentro da cidade não quer dizer que você tenha direito de participar ativamente dela. Em teoria sim, mas na prática os espaços são cada vez mais segregados, justificados num formato de desenvolvimento que ainda usa basicamente as mesmas técnicas das décadas de 1950 e 1960, mesmo que suas falhas já tenham sido diagnosticadas. O carro continua sendo prioridade, viadutos com pouca ou nenhuma serventia são construídos todos os dias, centros cada vez mais esvaziados de moradores, junto da criação de condomínios fechados afastados dos demais bairros são alguns dos fatores que contribuem para a manutenção de uma área urbana pouco inclusiva e elitista.

Todas essas medidas não são tomadas ao acaso. A intenção é realmente distanciar camadas da população que são vistas como perigosas. Bauman (2009), ao falar do sentimento de insegurança da nossa sociedade, diz que:

“Se a proteção de fato disponível e as vantagens que desfrutamos não estão totalmente à altura de nossas expectativas; se nossas relações ainda não são aquelas que gostaríamos de desenvolver; se as regras não são exatamente como deveriam e, a nosso ver, poderiam ser; tendemos a imaginar maquinações hostis, complôs, conspirações de um inimigo que se encontra em nossa porta ou embaixo de nossa cama. Em suma, deve haver um culpado, um crime ou uma intenção criminosa.” (Bauman, 2009, p. 2)

E esses inimigos costumam ter cor, moradia e renda definidas, comuns aos pixadores. Mas quem pixa retoma seu lugar com ousadia e habilidade. Não é fácil alcançar os picos, mas diante de todas as dificuldades já enfrentadas todos os dias, o pixo, além da busca por visibilidade acaba se tornando diversão, amizade e vivência. É dentro do movimento que esses jovens se reconhecem e experienciam a cidade que insiste em apagá-los da sua imagem. Segundo Pereira (2010), a motivação dos pixadores é justamente tentar imortalizar seus nomes no suporte extremamente efêmero que é a paisagem urbana. Ao mesmo tempo que eles fazem suas marcas, a própria cidade está tentando arrancá-las. É o objetivo de superar essa efemeridade que eles estão em busca e, muitas vezes, conseguem.

Num bate-papo após a exibição de um documentário que conta a história de DI, o pixador Dino, que era seu amigo afirmou:

“Imagine o seguinte: se caísse uma bomba atômica em São Paulo e a radioatividade deixasse o estado em ruínas, a sociedade do futuro iria nos estudar através do quê? Pelo que sobraria, certo? Ou seja, uma das características que restaria seria o pixo, portanto, é patrimônio e tem valor.” (Revista Vaidapé, 2016)

E se tratando da pixação, mesmo quando ela chega a ser destruída, ela permanece na história. É o caso do Edifício São Vito, conhecido como “treme-treme” que por muitos anos foi cartão postal de São Paulo. Ele foi demolido em 2011, mas era considerado por muitos como o prédio mais pixado do mundo e continua sendo lembrado por isso. Atualmente, é impossível desassociar a cidade de São Paulo do pixo, e mesmo que continue sendo ilegal, as pinturas já fazem parte da identidade dela e são inspiração para pixadores até de outros países.

E assim a pixação segue alcançando seu objetivo, fazendo com que o nome de quem jamais estaria em destaque nos letreiros de espaços destinados às classes mais ricas, agora esteja em evidência nas matérias de jornais, revistas, redes sociais, filmes, galerias de arte e o mais importante, na paisagem urbana e na memória de quem passa pelas ruas.

Imagem 30: Edifício treme-treme, considerado por muitos o prédio mais pixado do mundo. Fonte: BesideColors.



1.3 Os traços do pixo

Mesmo tendo as mesmas origens, as intervenções urbanas podem ser postas em categorias diferentes de acordo com seu estilo ou técnica. Às vezes, também há variação de nome dependendo do local onde é feito e confusão de termos inclusive entre integrantes do próprio movimento, mas no geral, existem definições que ajudam a entender melhor como a pixação funciona.

- ANO – Um dos pontos relevantes para o debate proposto nesta dissertação é o fato de escrever também o ano em que o pixo foi feito ao lado de sua tag. Isso serve tanto de registro como também é uma forma de contabilizar o tempo que a inscrição permaneceu ali. E sempre sendo essencialmente efêmero, aparentemente a durabilidade também importa. Na imagem abaixo, feita em São Paulo no ano de 2019, é possível ver o número 16 logo abaixo do símbolo de uma grife. Isso quer dizer que, por pelo menos três anos, a pixação continuou lá.



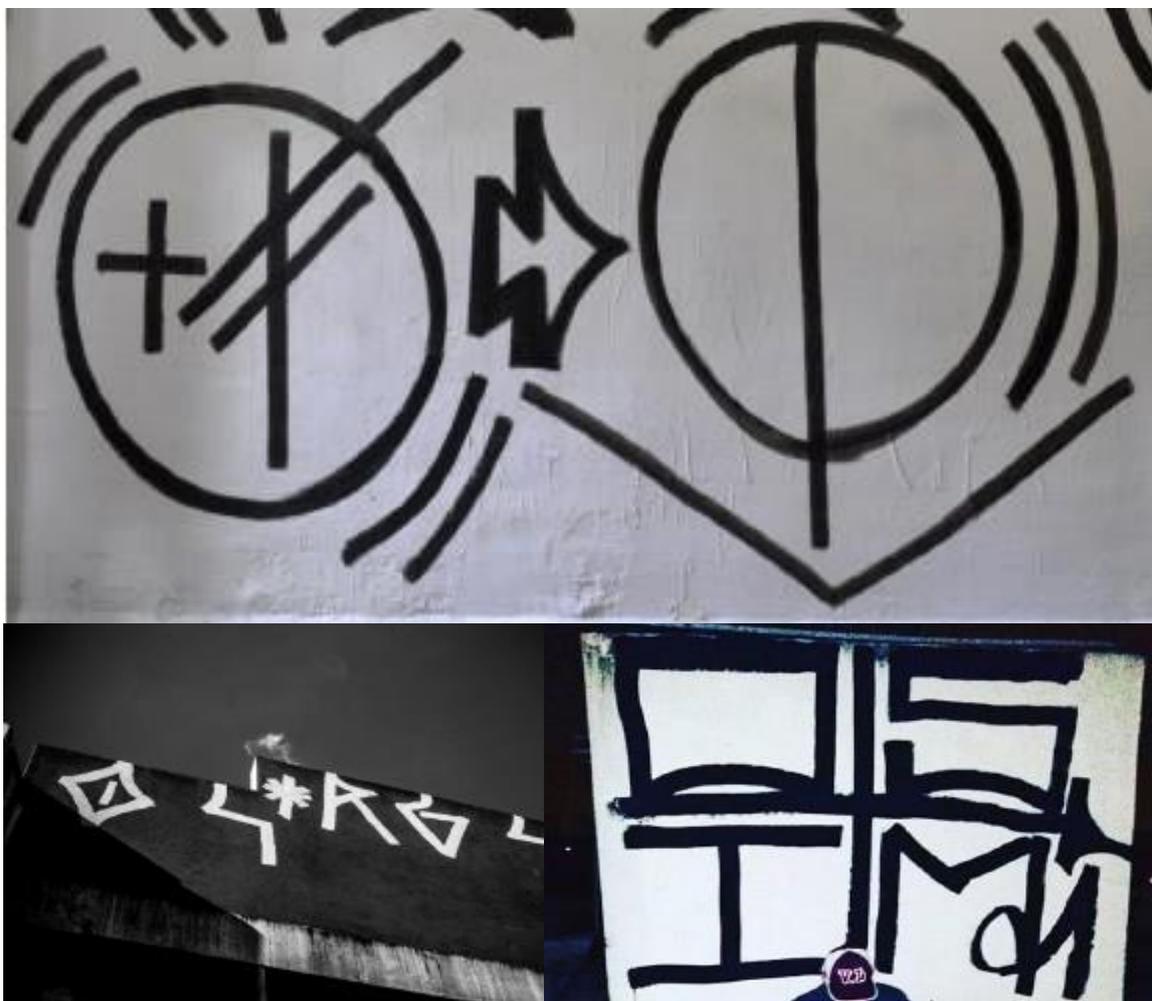
Imagem 31: Edifício pixado com o número 16 que simboliza o ano de 2016. São Paulo, 2019. Fonte: Acervo pessoal.

- GRIFE – Outra característica comum do pixo é a participação do pixador em alguma grife. Segundo Barbosa (2010), não se vê seu nome escrito por extenso e sim o seu símbolo junto da tag. Eles podem ser mais gráficos ou apenas siglas, mas sempre há um significado que faz com que aquele símbolo represente o nome do grupo.

Um mesmo pixador pode participar de mais de uma grife, ele só precisa ser aceito. Algumas dessas gangues têm integrantes não só dentro do próprio estado, mas acabam ultrapassam barreiras e alcançam todo o país. E isso é significativo, já que o nome do grupo ganha respeito ao alcançar pontos cada vez mais distantes, é um sinal de sucesso.

Há alguns anos, existiam disputas territoriais entre algumas grifes de São Paulo, que chegavam a brigas físicas e até mortes.

Imagens 32, 33 e 34: Símbolo das grifes Os Mais Fortes e Círculo Vicioso, em seguida a grife Os RGS e, por último, a grife Os mais Imundos. Fontes: Site nste.de 2012, Instagram/os_mais_imundos 2019 e Revista Vaidapé 2017, respectivamente.



- ATROPELO – Atropelar significa inscrever por cima de uma pixação que já existe. É o principal motivo de confusão entre grifes.



Imagem 35: Imagem de um atropelo em Maceió, 2019. Fonte: Acervo pessoal.

- TAG – A principal escrita das ruas da cidade é o codinome escolhido pelo pixador para deixar sua marca. Pode ser o próprio nome dele com algumas modificações, como inversão de sílabas e retirada de letras ou alguma palavra que tenha algum significado pessoal.

Dentro do movimento as tags podem ser feitas em diferentes técnicas que acabam recebendo diferentes nomenclaturas também. Como por exemplo o Grapixo, o Xarpi, o Canetão, o Bomb entre outros.



Imagem 36: Tag do pixador Loucura. Fonte: BesideColors.

- GRAPIXO – É uma mistura entre o graffiti e a pixação, geralmente feita com o uso de rolinhos com tinta látex.

Imagem 37: Tag feita no estilo grapixo. Fonte: BesideColors.



- XARPI – Técnica em que a tag se assemelha a uma assinatura, uma rubrica. Normalmente é ainda mais difícil de se ler para quem não está dentro do movimento.



Imagem 38: Tag feita no estilo xarpi. Fonte: BesideColors.

- CANETÃO – Feita com uma espécie de marcador chamado “squeezer”, que acaba derramando tinta durante a escrita dos traços da tag.



Imagem 39: Tag feita no estilo canetão. Fonte: BesideColors.



Imagem 40: Marcador utilizado para fazer o canetão, o squeezer. Fonte: BlackBook Ateliê-Shop.

- **BOMB** – Estilo que mais se aproxima do graffiti. Nele, a tag é feita com letras volumosas e comprimidas. Podem ser preenchidas com tinta ou só o contorno é feito.



Imagem 41: Tag feita no estilo Bomb. Fonte: BesideColors.

Além das técnicas de pintura, também existem os métodos para alcançar os lugares mais altos. Quando o nível ainda é baixo, os pixadores fazem o que eles chamam de escada.

- **ESCADA** – Quando um pixador sobe nas costas de outro pixador para ganhar altura.



Imagem 42: Técnica conhecida por escada. Fonte: Adriano Choque/Site.

- ESCALADA – Quando o nível do pixo é ainda maior, eles fazem a escalada. Na maioria das vezes, eles sobem a fachada da edificação com as próprias mãos e pés, mas quando necessário, é utilizado uma espécie de rapel improvisado com cordas e tábuas de madeira.



Imagens 43 e 44: Técnica conhecida por escalada. Fonte: Adriano Choque/Site.

- FOLHINHA – Outra característica do pixo é a troca de folhas de papel com as tags dos pixadores feitas com caneta ou marcador. Isso acontece principalmente nos encontros nos points ou festas específicas da cena da pixação. Elas são, inclusive, colocadas em pastas colecionadoras para conservar e catalogar a história do movimento.

Imagem 45: Pasta colecionadora com folhinhas cheias de tags de vários pixadores. Fonte: BesideColors.



2. O rolê em Maceió



2.1 O rolê em Maceió

E Maceió? O que tem a ver com esse rolê de pixo? O contexto é longo e eu vou explicar neste capítulo. A cidade de Maceió é reconhecida a nível nacional pelo seu grande potencial turístico. As diversas campanhas publicitárias da capital sempre priorizam as imagens de suas praias de mar azul e calmo, atraindo um tipo de público específico mas de grande número, que transformou o município em um dos destinos mais procurados do país².

No entanto, essas propagandas acabam fazendo um recorte da cidade que, para seus habitantes, apresenta muito mais nuances do que uma área praiana. Os moradores, informalmente, costumam dividir Maceió em “parte alta” e “parte baixa”, sendo essa última a zona próxima ao mar que ganha destaque não só pelas agências de viagens, mas também dos poderes públicos que acabam destinando atenção e recursos para uma pequena parcela da população, enquanto há locais que necessitam ainda de serviços básicos.

Nos mapas das páginas seguintes, é possível compreender melhor a divisão de bairros da capital. Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca costumam ser destaque para a divulgação da cidade e concentram residentes de maior poder aquisitivo. Já na parte alta, também existem algumas casas de alto padrão que, geralmente, se encontram dentro de condomínios fechados e restritos, diferente das demais.



Imagem 47: Propaganda turística de Maceió. Fonte: Site Turismo Alagoas.

² Maceió (AL) lidera a procura por destinos nacionais, aponta CVC. Disponível em <<https://brasilturis.com.br/maceio-al-lidera-procura-por-destinos-nacionais-aponta-cvc/>>, acesso em 14 de março de 2021.

2.2 Pixação Maceioense

Diferentemente de São Paulo, o pixo de Maceió ainda não é reconhecido por boa parte dos moradores como elemento importante da cidade, mesmo que tenha uma grande representação. Ele é quase sempre negado, coberto ou ignorado. Por isso, quase não há registros sobre o tema, inclusive dentro da área acadêmica.

Mais um motivo para o método cartográfico ser o escolhido. Precisei mergulhar em territórios reais e virtuais nunca antes adentrados por mim para poder reconhecer os rumos não só da pesquisa, mas também dos efeitos que ela teria feito politicamente dentro desse trabalho.

“O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas. Restam sempre pistas metodológicas e a direção ético-política que avalia os efeitos da experiência (do conhecer, do pesquisar, do clinicar etc.) para daí extrair os desvios necessários ao processo de criação.” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 30)

Foi um longo trabalho nas ruas e, principalmente, nas redes. Busquei em sites de notícias, blogs, reportagens antigas, revistas eletrônicas e claro, nas redes sociais.

Existe uma página famosa no facebook chamada “Maceió Antiga” em que os membros costumam publicar fotos da cidade de décadas passadas, e lá fiz uma busca da seguinte palavra: “pichação”. E assim encontrei a imagem mais antiga de pixo em Maceió que tive conhecimento até hoje.

Nela é possível ver a Igreja de São Gonçalo, no ano de 1984, com inscrições favoráveis ao movimento das Diretas Já. Na fachada também se lê “Nossa Senhora da Rebelião”. Numa rápida lida aos comentários do post, pode-se ter uma ideia da opinião comum sobre o tema, com frases contrárias à forma de protesto e, inclusive, ligando a pixação ao comunismo.

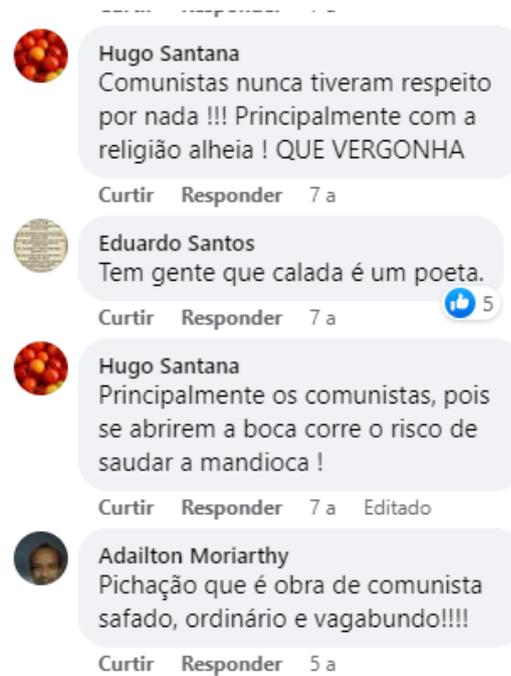


Imagem 48: Comentários no post sobre a pixação na Igreja de São Gonçalo em 1984. Fonte: Facebook/Grupo Maceió Antigo.

Além do campo virtual, também tive que andar pela cidade concreta. Por anos eu saía de casa sempre com os olhos voltados para os muros, mesmo que a saída não tivesse esse objetivo. Mas também existiram os dias em que de fato agendei para ir atrás das pixações. Várias vezes peguei o carro, ia até um ponto da cidade, estacionava, colocava a câmera em volta do pescoço e ia seguindo a direção que meu corpo me levava. Praticamente todas as vezes fiz isso sozinha, sem nenhuma companhia.

E assim fiz várias descobertas sobre a pixação em Maceió. Primeiro reparei como o pixo continua sendo usado de forma política, da mesma maneira da primeira foto encontrada em 1984. O que muda são os momentos vivenciados. Ainda hoje é possível encontrar na cidade alguns escritos contra todos os últimos presidentes da república, Lula, Dilma, Temer e, por último, Bolsonaro. Nesse tempo mais recente, com o alto número de mortes pela pandemia do coronavírus e índices de inflação e pobreza cada vez maiores, as pixações de cunho político-partidário claramente se intensificaram.

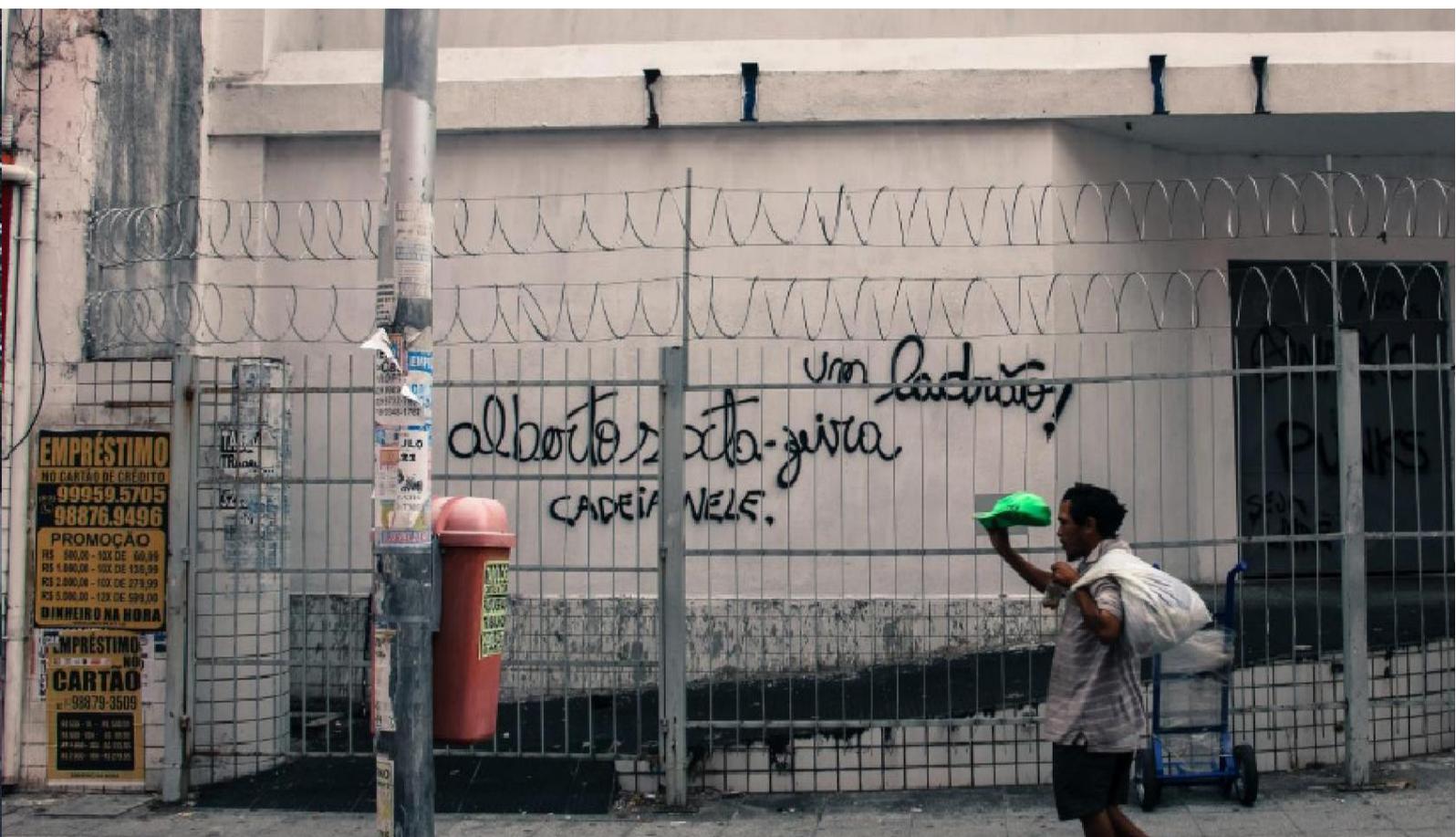


Imagem 49: Pixação “Vacina no braço, comida no prato” no bairro do Jaraguá, 2021.

Fonte: Acervo pessoal.

Além das frases contra o poder executivo, a prática também é comum com representantes locais. Em alguns casos, mesmo anos após o término do mandato, a pixação continua pois se tornou uma espécie de marca da cidade. Isso aconteceu com um antigo vice-prefeito da cidade, Alberto Sexta-Feira, que até recentemente tinha seu nome nos muros da cidade junto da palavra “ladrão”.

Imagem 50: Pixação contra o político Alberto Sexta-Feira, no bairro do Centro, 2019. Fonte: Acervo pessoal.



Mas o estilo de pixo diretamente político que eu mais encontrei em Maceió é o do grupo conhecido como “Anarkopunks”, talvez pelos seus ideais que ultrapassam as críticas aos políticos enquanto personalidade. O problema é o sistema vigente em si, então o grupo – até então não identificado, inclusive pelos demais pixadores dos outros – costuma deixar mensagens de cunho anarquista no geral. Além de seu já difundido símbolo – a letra A maiúscula dentro de um círculo – são comuns as críticas ao Estado, às eleições e o enaltecimento de figuras como Bakunin, teórico anarquista do século XIX.

Imagens 51 e 52: Pixações do movimento Anarkopunks no bairro de Jaraguá, 2019. Fonte: Acervo pessoal.



Imagem 53: Pixação do movimento Anarkopunks no bairro de Jaraguá, Maceió, em 2021.

Fonte: Acervo pessoal.



Além de política, o futebol é um relevante tema das pixações em Maceió. Elas são feitas pelas torcidas organizadas dos times de futebol da capital – a mancha azul (torcida do CSA) criada em 1992 e o Comando Vermelho (torcida do CRB) criado em 1993 – que são conhecidas pela histórica rivalidade que atravessa os estádios e adentra os campos urbanísticos e sociais da cidade. São quase trinta anos fazendo parte ativamente da paisagem e da memória do maceioense.

A disputa é tão intensa que é até raro encontrar uma pixação de torcida que já não esteja atropelada pela torcida adversária. Às vezes, um atropelo se sobressai ao outro e a guerra se torna infinda. No caso da segunda foto abaixo, é possível notar que primeiro existiam as inscrições em azul, da Mancha Azul, seguidas pelo atropelo em vermelho, do Comando Vermelho. Mas não parou por aí, novamente foi utilizado a tinta azul para fazer da sigla “CV” uma palavra ofensiva. É um dos maiores exemplos da efemeridade do pixo, ele continua em movimento o tempo inteiro.



Imagens 54 e 55: Pixações feitas pelas torcidas organizadas dos times de futebol CRB e CSA. Centro de Maceió, 2109. Fonte: Acervo pessoal.

De acordo com o artigo intitulado *Futebol e Violência em Maceió: a influência midiática na rivalidade entre CRB e CSA*, de Alexandrino, Padilha, Magalhães e Ávila (2016), a história dos participantes das torcidas organizadas se confunde com o padrão visto também no pixo, de periferia, desigualdade social e afirmação de identidade:

“Por crescer imerso na cultura da violência, parte dos jovens integrantes das torcidas organizadas de Maceió naturaliza os conflitos violentos e experimenta prazer através deles, utilizando o futebol e a participação em torcidas organizadas como possibilidade de pertencimento e de afirmação de identidade[...]. Elas são sua válvula de escape e serão indispensáveis para que ele manifeste, em grupo, toda a sua insatisfação internalizada do Estado, ou melhor, de sua ausência: simbolicamente – ao entoar cânticos ofensivos à torcida rival e ao vestir os trajes de sua torcida; e fisicamente – ao entrar em confronto com a torcida rival, com a polícia ou ao cometer qualquer outro ato de vandalismo”. (ALEXANDRINO, PADILHA, MAGALHÃES E ÁVILA, 2016, p. 4)

Apesar de sua história e incorporação à cultura da cidade, nos últimos anos a pixação das torcidas organizadas são cada vez menos recorrentes. Dentre os diversos fatores, isso pode ter relação com as recentes decisões judiciais de não permitir as duas torcidas dentro do estádio em dia de clássico, com a justificativa de que, com frequência, os jogos terminavam em briga, violência e depredação de espaços públicos e privados – aqui se incluem as pixações, que costumavam ser feitas antes e após as partidas – mas mesmo assim, os pixos das organizadas continuam atuando não na paisagem como na cultura do maceioense.

Curiosamente, um outro fenômeno resultou dessas pixações: um movimento contrário a elas, que se utilizava do mesmo mecanismo, a tinta nos muros, com a intenção de combater as torcidas organizadas. No entanto, essas frases tinham menos rejeição da população, já que se tratava de uma crítica ao anterior. Atualmente esses escritos não são mais encontrados em Maceió.

Imagem 56: Pixação contrária às torcidas organizadas. Fonte: ALEXANDRINO, PADILHA, MAGALHÃES e ÁVILA (2016 apud Grupo de pesquisa Mídia, Fotografia e Registros culturais do COS-UFAL).



Mas falando na pixação de tags, a mais comum atualmente, o processo de aprendizado foi e ainda é longo. Junto das primeiras tentativas de contato via Instagram em 2019, precisei aprender a ler o que as ruas tinham a me dizer. Depois que aprendi o que era uma grife, comecei a identificar nos muros os símbolos locais, observei suas repetições, mas ainda não sabia seus nomes e quem fazia parte de cada uma delas.

Então passei a procurar na rede social as tags mais conhecidas e, dentro de cada perfil encontrado, abria toda a lista de seguidores para tentar encontrar mais alguém do movimento. O que deu certo. Alguns deles tinham o nome da grife destacada na bio da sua página e já me levavam a outros nomes. Passei algumas madrugadas durante a pandemia fazendo essa busca, que duravam horas e ainda não era a parte mais difícil. Ainda tinha que torcer para ser aceita pelos donos dos perfis.

Aprendi muito observando essas contas, mas o ato de percorrer a cidade foi o que mais me deu material de pesquisa. De 2019 para 2022, percebi tags que antes eram mais recorrentes e que hoje não são mais tão vistas. Também aconteceu o contrário, novos pixadores adentraram o cenário e se fazem presentes. É um constante exercício de observação. Assim foi possível reconhecer algumas das grifes existentes na cidade.

Diferente das histórias paulistanas, não há registros de confrontos entre os grupos da capital alagoana. Claro que, como boa parte dos movimentos que têm como base a busca por visibilidade, pode haver alguma pequena disputa por reconhecimento, mas no geral, a cena se apoia e até realiza festas e encontros – onde eles trocam as folhinhas – não só com seu grupo, mas também com os integrantes de outras organizações.

Como os pixadores podem participar de mais de uma grife, você também pode encontrar mais de um símbolo junto da tag. Na imagem abaixo, o ícone que se encontra no centro é de uma gangue alagoana, a PIXAL – Pixação Alagoas. À esquerda

e à direita estão as representações de duas grifes paulistas que hoje conta com pixadores do Brasil inteiro.

Imagem 57: Símbolo da grife PIXAL no meio dos símbolos de outras duas grifes paulistas. Centro de Maceió, 2019. Fonte: Arquivo pessoal.



E foi somando as pesquisas virtuais ao olhar direcionado às pixações todas as vezes que saía às ruas de Maceió que foi possível identificar nove grifes da cidade, além dos Anarcopunks, que têm outras relações com o pixo. Lembrando que ainda podem existir outras não reconhecidas durante os estudos. As gangues encontradas são:

- PIXAL (Pixação Alagoas)
- M\$M (Mulher, Skate, Maconha)
- Crew das Minas
- 20_01
- Zona Única
- UARAL (União dos Artistas de Rua de Alagoas)
- SCP (Seguidores da Cultura Proibida)
- Eternus
- ADT (Ataque de tinta)

Nesses vários anos de investigação, a atuação de cada uma delas nos muros foi se modificando. Por um tempo, algumas tinham maior destaque, depois as posições se invertiam e uma nova grife e tags chamam atenção na cidade. E assim, o pixo que guarda sua história, também se renova enquanto movimento.

Assim como as tags, os símbolos que identificam as gangues podem parecer ilegíveis aos olhos da população em geral, mas o design é criado com o intuito de traduzir graficamente o nome da grife. Com a maioria delas, dá para destrinchar a figura e reconhecer em seus elementos o que ele quer dizer. No esquema abaixo, estão destacadas as letras que resumem o símbolo da PIXAL.

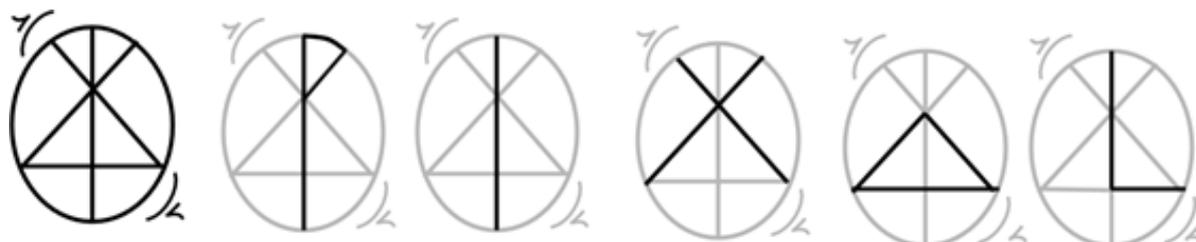
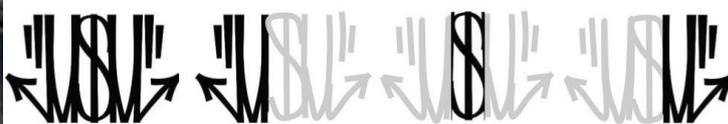


Imagem 58: Reprodução do símbolo da grife PIXAL, destacando as letras ocultas no seu design.

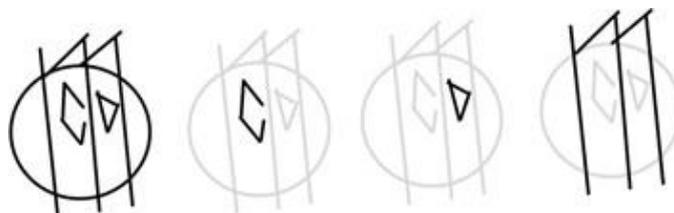
Fonte: Bezerra, 2019.

Dá mesma forma, outras grifes foram descobertas:

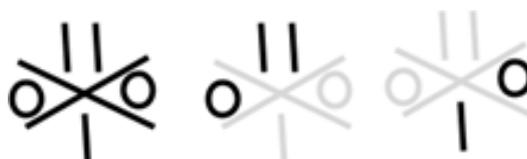
- M\$M



- Crew das Minas



- 20_01



- Zona Única

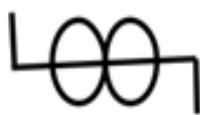


Imagens 59, 60, 61 e 62: Símbolos das grifes M\$M, Crew das Minas, 20_01 e Zona Única junto de esquemas que explicam seus significados.

Fonte: Bezerra, 2019.

Já com as gangues encontradas mais recentemente, a Ataque de Tinta (ADT) e a Eternus, só foi possível identificar seus símbolos, mas não como eles foram feitos.

- ADT



- Eternus



Imagens 63 e 64: Símbolos das grifes ADT e Eternus junto de suas representações vetorizadas.

Fonte: Acervo pessoal. Desenvolvimento: Autora.

Ainda existem as grifes que utilizam apenas siglas para se apresentarem, como é o caso da UARAL e a SCP, como mostram as imagens a seguir:



Imagens 65 e 66: Siglas das grifes UARAL e SCP, respectivamente.
Fonte: Acervo pessoal.

2.3 A mulher no rolê

Num universo basicamente masculino, a Crew das Minas é a única grife formada apenas por mulheres em Maceió. Ainda durante as pesquisas para o TFG, em 2019, o contato com as pixadoras era quase impossível, então, acabei ouvindo apenas as versões dos pixadores homens, que são maioria no movimento. Só após alguns meses, consegui ter informações diretas de uma pixadora da Crew das Minas e pude compreender melhor o ser mulher dentro da pixação.

Um dos pontos que são aqui discutidos é a necessidade da existência de um grupo só feminino, o que se justifica pela pouca aprovação das mulheres dentro das grifes anteriores. Mesmo que a maioria delas seja amiga, namorada e até saia para dar rolê junto aos homens, elas não costumam ter espaço ativo para assinar o símbolo da gangue, como explica a pixadora Coala, em entrevista de 2019 publicada no artigo *Pixação em Maceió-AL: A cena do pixo atual e as impressões de uma pichadora mulher dentro do movimento*. (BEZERRA, 2019)

“Em primeiro momento, somos eu, Lizz e a Maryjeni. E a Lizz teve essa ideia de criar uma Crew das Minas justamente porque ao entrar nesse movimento, a gente notou que era um espaço completamente masculino, e como toda a sociedade que a gente vive também, extremamente machista. Onde as meninas só iam pra rolê quando tinha algum namorado do rolê, ou tava sempre de casazinho e não tinham espaço nas crews dos caras, entendeu? Tipo, as meninas iam pixar e tal com a galera, mas as crews era fechadas entre homens” (Entrevista com participante da Crew das Minas, 2019)

A integrante da crew, formada em 2017, também traz no seu discurso questionamentos sobre a própria experiência de ser mulher dentro da cidade, que acabam se tornando pauta dos seus pixos. Ainda segundo ela:

“Sendo que assim, aqui em Maceió principalmente, a galera ainda não entende muito o intuito, a galera fica ‘ah, eu vou fazer o pixo mais alto’, ‘um pixo maior’, sabe, e não se importam muito com a mensagem que passam com ele e tal e que é uma coisa que a gente tem mais em mente, de ter uma questão mais empática, de ter uma questão de passar algo realmente, não só tá ali mostrando que sobe alto pra fazer um pixo. Então pra gente tá construindo isso é um processo muito maior, sabe.” (Entrevista com participante da Crew das Minas, 2019)

Além de tudo, dar rolê num corpo feminino têm implicações que são desconhecidas pelos pixadores homens. Sair sozinhas à noite ou madrugada, por ambientes pouco movimentados, faz com que elas estejam suscetíveis a diversos tipos de violência pouco experimentadas pelo universo masculino. A isso, se soma o fato da maioria delas não ter um meio próprio de transporte, ao contrário dos homens. Por esses motivos, é comum ver uma tag feminina sempre do lado de uma masculina, já que por questões de segurança, eles costumam sair juntos para pixar.

Imagem 67: Pixação da integrante da Crew das Minas, Lizz, ao lado de tags masculinas. Centro, 2019.

Fonte: Acervo pessoal.



Numa sociedade patriarcal, a distinção de gêneros faz com que as vivências e perspectivas dentro do espaço sejam diferentes, daí as divergências sobre temas que acabam não tendo o apoio integral dos pixadores. Um dos casos que pode exemplificar melhor a situação é o da conhecida Praça do Skate, nome popularmente dado à Praça Muniz Falcão localizada na Ponta Verde, bairro nobre da cidade. O espaço é há anos frequentado por skatistas e integrantes do movimento hip hop e, como toda pista de skate de vários países, sempre teve inúmeras pixações e graffitis espalhadas pela área.

No entanto, após uma reforma feita pela prefeitura em 2018 – depois de vários anos sem manutenção –, quando novos pixos foram feitos, os próprios skatistas da área se mostraram contra as pinturas. Mas a proporção se tornou muito maior no momento em que as frases feitas por um coletivo feminista foram escritas na pista, o que revela que a indignação não foi só sobre a pixação em si, mas também pelo incômodo gerado quando mulheres decidem reivindicar suas lutas.

Sobre o episódio, a pixadora entrevistada fez o seguinte comentário:

“Mas enfim, mais uma vez, quando aconteceu com os caras foi uma coisa mais contida, quando aconteceu dos rapazes pixares lá, a pista do Banks, foi uma indignação mais contida, mas quando foi com as minas as coisas se tornam bem mais violentas. [...] E quando rolou com os caras e a galera do skate retalhou, a galera do pixo abraçou mas quando foi com as minas primeiro, eles tavam segregando.” (Entrevista com participante da Crew das Minas, 2019)

Mais de três anos após a defesa do TFG e essa entrevista, já é possível visualizar algumas poucas pixadoras assinando também o símbolo de grifes antes formadas só por homens, mas ainda assim, o movimento do pixo em Maceió continua sendo majoritariamente masculino.

Imagem 68: Pixações feitas na conhecida Praça do Skate, em 2018. Fonte: Site Tudo Na Hora.



Imagem 69: Pixação de integrante da Crew das Minas no bairro de Jaraguá, 2021.
Fonte: Acervo pessoal.



2.4 Muros e Telas

A pixação foi adentrando diversos tipos de tela com a mudança dos tempos. O que antes só se via na parede passou a ser capturado por uma câmera e revelada na superfície de um papel fotográfico. Em seguida também podia ser vista na tela das câmeras digitais, smartphones e daí foram expostas em sites, blogs e redes sociais. Ali elas viajam o mundo inteiro com seus variados ângulos, cores e formatos. Cada uma dessas “superfícies” fala de uma forma e é recebida de uma forma. E essa relação muros e telas tem grande impacto dentro e fora do movimento.

Se antes das redes sociais os pixadores já faziam fotos para guardar tanto o momento do rolê quanto o próprio pixo para tempos futuros, agora o Instagram se tornou uma extensão da rua para o movimento. Cada grupo social diferente usa a plataforma para se promover de acordo com o tipo de conteúdo que mais gera engajamento, entre seus seguidores, e o mesmo acontece com o universo da pixação. Como uma de suas intenções primárias é justamente a visibilidade, a rede faz expandir ainda mais o alcance de seus feitos.

Mas toda essa atenção esbarra numa questão: o fato da pixação ser considerada crime ambiental. Se é mais fácil que outros pixadores vejam seus trabalhos, ter um perfil expondo o pixo também faz com que as autoridades acabem encontrando seus autores. Então a maior parte deles utiliza alguns artifícios para permanecerem anônimos. Alguns deixam a página totalmente privada e só são aceitos seguidores após uma solicitação, enquanto os que deixam suas contas abertas normalmente escondem o rosto, dificultando seu reconhecimento. E o mais importante, nunca usam o nome verdadeiro, sempre a sua tag – algumas até disfarçadas com o uso de pontuação encontrada no teclado, como “.”, “_”, “@”, entre outros.

O Instagram também possibilita novos tipos de interação antes quase impossíveis. Através de várias páginas destinadas ao tema, pixadores de todo o país

passam a se conhecer e formam amizades à distância, que muitas vezes chegam a se concretizar presencialmente nas ruas. É comum que um pixador de outro estado, quando está de passagem por outra cidade, saia para dar rolê com pixadores locais. Uma relação que se inicia na internet, mas chega à vida urbana real, e faz com que suas marcas se espalhem por outras áreas.

Sempre que viajo, reconheço pixos de outras pessoas de outras áreas que passaram por ali. Já encontrei tags de pixadores de São Paulo em cidades do Nordeste, como Aracaju, Maceió e Salvador. E assim essas trocas acontecem de todos os lados. Em viagem à Salvador, 2020, parei num posto de gasolina em Imbassaí, próximo à capital baiana e lá estavam *stickers* – tag vetorizada posta em papel adesivo que pode ser colado em várias superfícies – de um pixador maceioense.

Imagens 70 e 71: Tag do pixador paulista Sabot em Aracaju, 2019 e Sticker do pixador maceioense Insano na Bahia, 2020. Fonte: Acervo pessoal.



Essas dinâmicas atraem um novo tipo de público não esperado para Maceió. A capital das águas investe no turismo Sol e Mar destinado a uma clientela específica que busca essencialmente as praias de mar esverdeado apresentado repetitivamente nas peças publicitárias (Peixoto; Feitoza; Bezerra, 2021). Mas através das redes sociais, é exibida uma cidade distinta das propagandas que também cativa os visitantes que se identificam com a vivência da maioria dos maceioenses e frequentam locais não comuns para os turistas convencionais.

Um outro ponto importante estabelecido pelo uso das redes sociais é a utilização da ferramenta como plataforma de discussões e debates. Como existe um forte apelo contestatório dentro do movimento, o Instagram abrange a área de conversa e temas como racismo, pobreza, corrupção e outras questões sociais presentes não só em Maceió, mas também a nível nacional, são levantadas não só no ato de pixar, mas também na repercussão digital gerada.

Um dos mais recentes exemplos é o da tragédia ambiental causada pela extração de salgema feita pela empresa Braskem³ em Maceió, que ocasionou um afundamento de terra em cinco bairros da cidade – até agora – que tiveram que ser desocupados. Além das milhares de famílias que tiveram que sair de suas casas e lutar por indenizações justas, existe também um dano histórico e patrimonial, e ainda uma influência direta numa crise imobiliária numa capital que agora precisa realocar essa população enquanto os preços dos aluguéis aumentam a todo tempo.

Diante dessa situação, vários pixadores fazem protestos contra a empresa em várias áreas de Maceió, inclusive nos locais atingidos. Além do impacto causado nas ruas, as imagens percorrem toda a internet, dando mais destaque e visibilidade ao assunto. Inclusive, na imagem seguinte, há uma demonstração tanto da interação ocorrida através da internet, como também da reivindicação por justiça no caso da Braskem, já que uma das tags é de um pixador de Maceió e a outra de um pixador de

³ Mais detalhes sobre o caso no link a seguir: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/08/afundamento-em-maceio-ja-atinge-4500-comerciantes-e-realoca-ate-hospital.shtml>

outro estado que também participou da ação enquanto passava pela cidade. Entre as tags, está a palavra “JUSTIÇA”, e as fotos do pixo foram postadas no perfil do autor.

Dentro dessa situação dos bairros afundados, além dos pixadores, os próprios moradores fizeram uso do pixo para registrar sua revolta e suas dores. No terceiro capítulo esse fenômeno será melhor discutido.

Imagem 72: Palavra JUSTIÇA entre tags de pixadores no Bairro do Pinheiro, 2021. Fonte: Acervo pessoal.



2.5 Picos horizontais

Quando se fala em pixação, logo se imagina a escalada como uma característica universal, talvez pela grande influência do pixo paulistano. Mas em Maceió, o cenário é diferente. Por definições de vários planos diretores anteriores, a cidade atualmente não possui muitos prédios de grandes alturas, como se vê em outras capitais⁴. Assim, pode-se dizer que o pixo maceioense faz história num nível mais próximo da altura do observador.

Assim, ele disputa lugar com várias outras intervenções na paisagem. Cartazes publicitários e pinturas com propagandas costumam brigar pelo mesmo espaço nos muros das vias e ruas mais movimentadas da cidade, que são também preferidas pelos pixadores. Isso porque a visibilidade é importante para o pixo, então eles geralmente não são feitos em qualquer lugar, existe uma lógica de escolha por trás da tinta.

Isso foi percebido em conversas com os pixadores e também com uma observação direta nos bairros. Logo de início, já se nota uma maior quantidade de pixações nos bairros do Centro e Jaraguá, que apresentam algumas similaridades e também confundem seus próprios limites geográficos. As duas áreas nasceram junto da criação da capital e hoje se encontram com funções parecidas. Há poucos residentes e muitos edifícios de uso institucional e comercial, o que faz com no período do dia haja uma grande movimentação de pessoas e carros e durante à noite quase não exista moradores, uma união de fatores que transforma essas zonas em pontos preferenciais dos pixadores. (Bezerra, 2019)

Isso porque, como não há muitos moradores, é mais fácil dar o rolê sem serem flagrados – mesmo com a recente ocupação de bares no Jaraguá, a

⁴ De acordo com o Código de Urbanismo e Edificações de Maceió, o maior número de pavimentos permitido na cidade é 20, numa decisão recente e limitada a algumas áreas. Por muitos anos, os prédios dos bairros à beira-mar ficavam entre 6 a 10 pavimentos.

ocupação residencial não sofreu muita alteração – e como existe um intenso fluxo pelo dia, o pixo tem mais visualizações. Importante falar que boa parte os prédios desses bairros estão inutilizados há anos, às vezes décadas. O que reflete numa outra característica específica do pixo maceioense, a tentativa de durabilidade. Se em São Paulo existem muitos casos de pixações em locais de grande representatividade e utilidade que são pintados novamente no dia seguinte aos escritos, em Maceió há uma intencionalidade ao selecionar construções desabrigadas pois a probabilidade do pixo ser apagado é muito menor, e assim sua tag perdura por mais tempo. Por aqui, o grande feito parece ser a permanência, não o pico alto.

O que faz questionar não só o princípio da pixação, mas também o conceito de desocupação desses edifícios. Para o Estado e sociedade em geral, acredita-se que ali é um vazio, mas ele tá sendo ocupado pelos pixadores através do pixo. Muitos desses prédios, inclusive, quando exercia seu uso formal, não eram receptivos à população que hoje participa do pixo, em geral jovens periféricos. Importante pensar como só na decadência é que eles puderam ser inclusivos.

Nas fotos a seguir, as ruínas do antigo Banco de Londres que funcionava no Jaraguá no século XX, e que mesmo sendo tombado é negligenciado pelo poder público. Por outro lado, ele está sempre preenchido pelos riscos do pixo.

Imagem 73: Pixação no antigo Banco de Londres, que agora tem vegetação saindo de suas aberturas.
Fonte: Acervo pessoal.



Imagem 74: Antigo Banco de Londres, agora ocupado por pixações. 2021.
Fonte: Acervo pessoal.



Imagem 75: Ruínas de antigo trapiche no Jaraguá ocupado por pixações e graffitis. 2021.
Fonte: Acervo pessoal.



O Jaraguá também está sempre sendo repintado por vários grafiteiros da cidade que normalmente têm uma relação saudável com os pixadores. A diferença de tratamento entre os dois tipos de intervenção ocorre justamente com quem está de fora do movimento e faz uma clara distinção entre seus autores, considerando que o graffiti é produzido por personagens da classe média artística enquanto o pixo é feito por “vândalos e criminosos”. Mas, harmonicamente, coabitam o mesmo espaço o graffiti, a pixação e os escombros do que um dia foi o bairro.

Além do Centro e Jaraguá, foram citadas as principais avenidas que cortam a capital, as avenidas Menino Marcelo e Fernandes Lima como favoritas para a pixação. Justamente por ligar a parte alta à parte baixa da cidade, há um enorme fluxo de passageiros e motoristas que abrange a população maceioense de todas as classes sociais, que diariamente veem pelas janelas dos carros e ônibus todos os tipos de signos urbanos, inclusive o pixo.

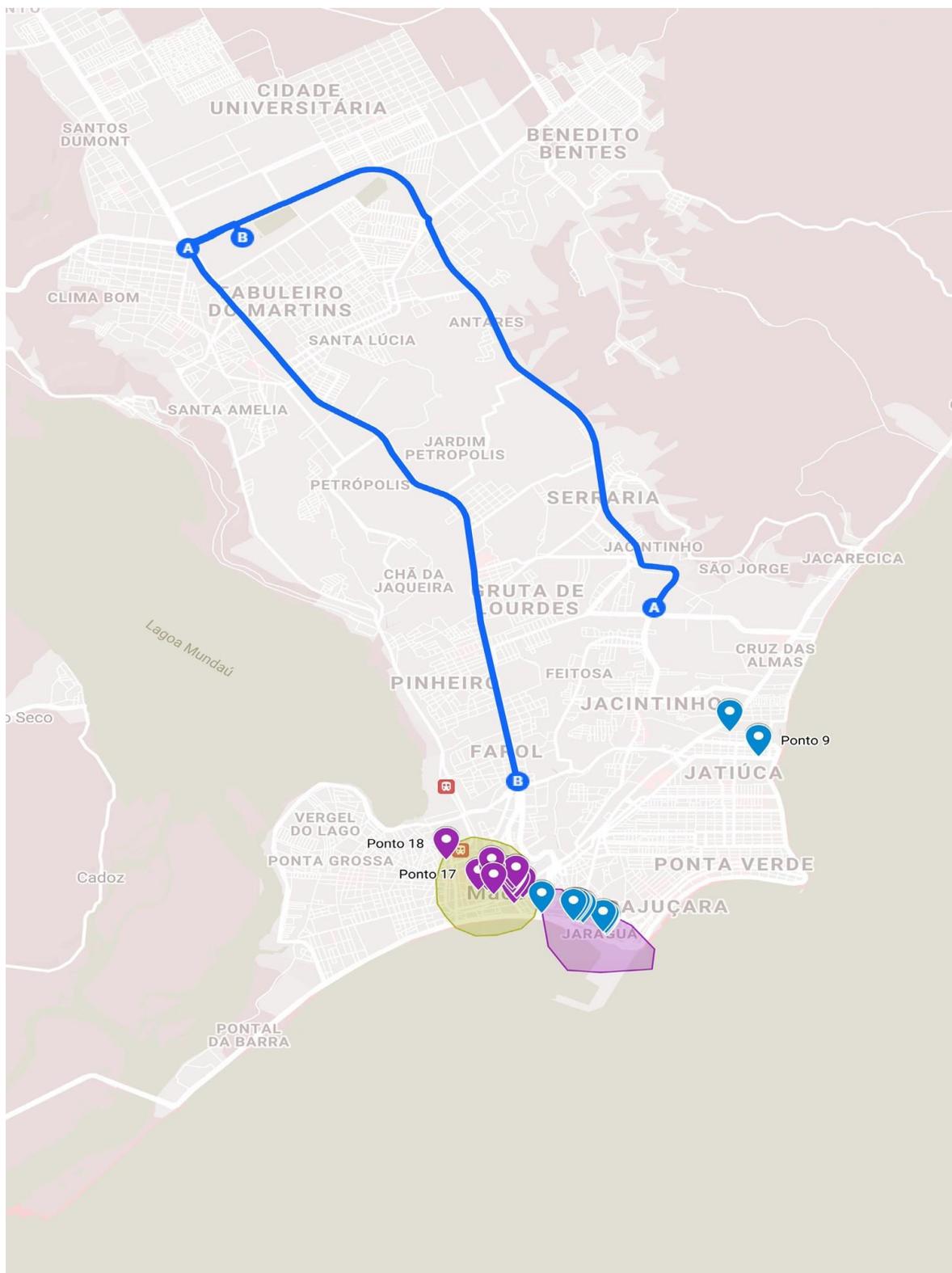
Mas não é só pela visibilidade e durabilidade que os pixadores fazem seus riscos, há também o motivo afetivo. É comum que eles também risquem nas áreas próximas de suas moradias, locais onde eles têm uma vivência direta e estabelecem relações familiares e de amizade.

Para registrar imagetivamente e geograficamente a pixação em Maceió, foi desenvolvido um mapa online que está sendo atualizado desde 2019. Isso para ter arquivos sobre o tema que ao mesmo tempo que marca com a memória dos pixadores e dos moradores, também é efêmera e muda constantemente, sendo difícil de acompanhar e comparar sua ação em Maceió. O mapa também está disponível no QR Code ao lado:



No mapa, em azul, está o percurso das avenidas citadas, além dos bairros de Jaraguá e Centro marcados. Também é possível clicar nos pontos inseridos e conferir as imagens feitas na época.

Mapa 3: Mapa do Google Maps com as avenidas Fernandes Lima e Menino Marcelo destacadas, além dos bairros de Jaraguá e Centro circulosados. Fonte: Google Maps/Maria Victória Silvestre



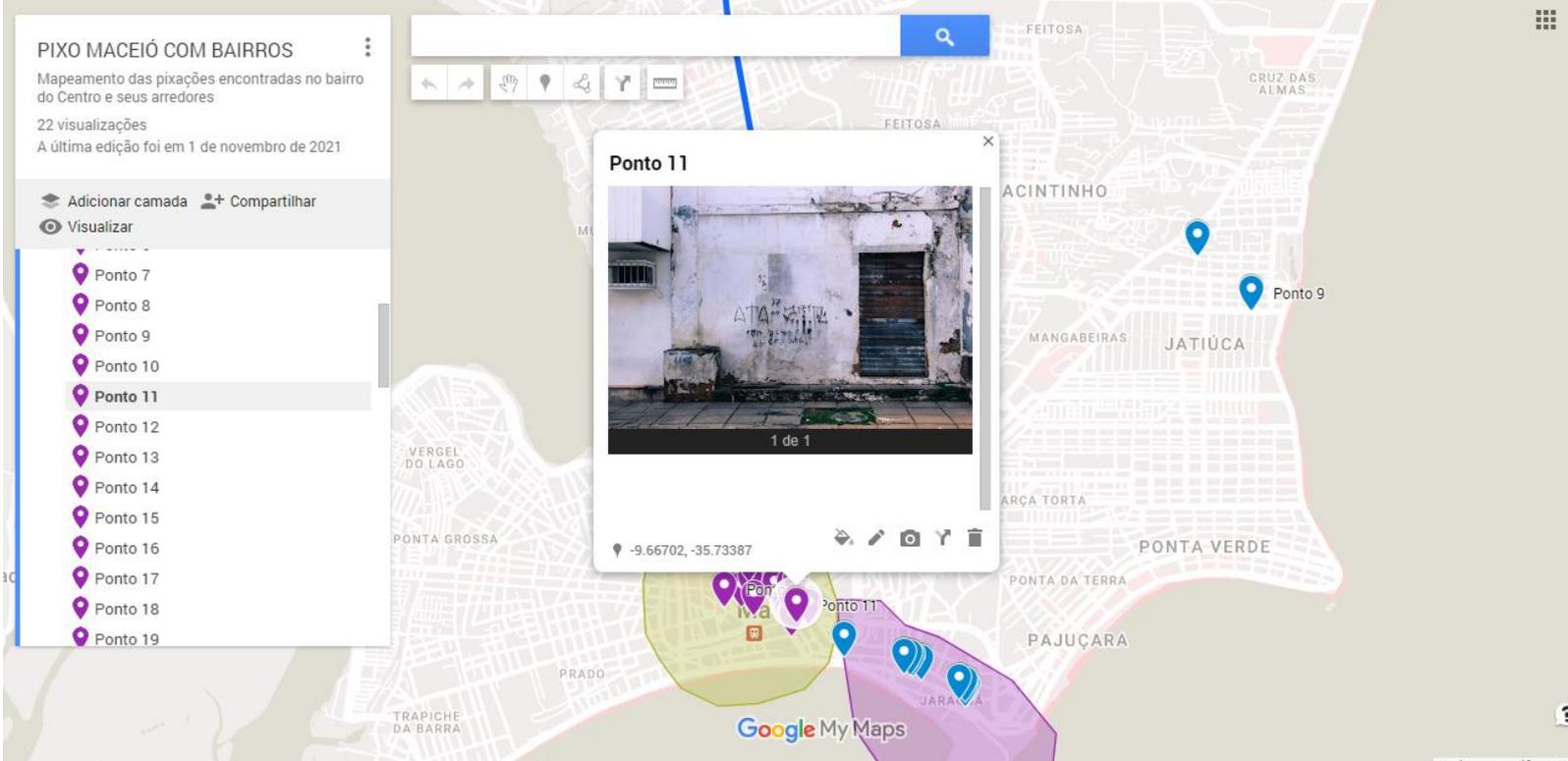


Imagem 76: Interface do mapa de Maceió criado com os pontos dos pixos e suas fotografias, 2023.
Fonte: Google Maps/Maria Victória Silvestre

As interações entre a fotografia, o contexto social e a cidade fazem do pixo um movimento carregado de significado e memória. Ele atravessa os nossos olhos, passos e caminhos. O pixo junta e separa, reclama e proclama, afeta e é afetado. E é sobre o pixo enquanto afeto – e seus vários significados – que falarei a seguir.

3. O pixo enquanto afeto



3.1 Afeto

Neste capítulo, falo muito do que eu sinto. Maceió não é minha cidade natal nem onde eu morei durante a infância, mas minha relação com ela sempre existiu. Existiu no cheiro de cana que me deixava enjoada dentro do carro que seguia para visitar meus avós nos feriados. No cheiro característico de maresia que eu percebi desde criança e na lembrança da textura de areia no pixinho do box do banheiro junto estranho gosto de água doce do chuveiro depois de um dia de praia. Na capital alagoana, morei dos 13 aos 26 e é dela minhas maiores lembranças urbanas.

As pixações também fazem parte dessas memórias, isso porque essas manifestações podem nos *afectar*⁵ (ESPINOZA, 2007[1677]). Hypolito (2015) desenvolve sobre o tema a seguir:

“Tais escritas surpreendem a experiência pela cidade, através das cores, texturas, movimentos, críticas, conselhos e ideias, que seguem ativando ruas, fachadas, espaços abandonados e corpos. Tais ativações, mesmo sendo boas ou ruins para a cidade, potencializam o pensamento sobre e com elas. As escritas se inscrevem pelos planos que compõem o cenário da vida urbana, como manifestações da realidade das cidades e de seus corpos, e contribuem para que o pensamento se coloque a pensar e a interrogar, chamando os corpos ao encontro, à interação. (Hypolito, 2015, p. 17)

Como o afeto enquanto substantivo é diretamente ligado ao carinho, sempre pelo lado positivo do sentido, é comum que se pense que quando algo nos afeta, o sentimento causado é sempre bom. Mas não é assim que acontece. Mansano (2019) explica esse conceito de afetar e ser afetado:

“Pelo verbo afetar, sensações e percepções são experimentadas para além dos órgãos dos sentidos: o corpo fica sensível ao que ainda é indizível. Já o ser afetado demanda uma espécie de vulnerabilidade ao outro. Esse outro pode ser compreendido como aquele/aquilo que vem de fora, toca e intensifica o encontro, fazendo aqueles que se encontram experimentar uma espécie de vibração que reverbera para além do já conhecido. Esse tipo de experiência, em larga medida,

⁵ Refere-se ao conceito de *afecto* entendido como uma variação contínua da força de agir e existir do corpo, um estado de vibração que se dá a partir de um encontro. (ESPINOZA, 2007[1677])

assusta o corpo que está aprisionado nos afetos conhecidos, podendo fazê-lo retornar aos territórios afetivos mais familiares e supostamente seguros.” (MANSANO, 2019)

Nunca se sabe como o pixo vai nos afetar. Enquanto uns sentem repulsa, outros se sentem acolhidos. Ao mesmo tempo em que alguns sentem medo, outros se sentem em casa. É assim que acontece com todas as manifestações urbanas encontradas na cidade, cada encontro nos toca e não temos controle sobre como isso irá nos atingir. Mansano (2019) continua explicando:

“Pode-se dizer, assim, que afetar e ser afetado são potências experimentadas no limite dos encontros consigo e com os outros. Tais situações não são banais ou ordinários com a grande maioria dos encontros que vivemos no cotidiano. Nelas, algo se intensifica, causa assombro, desconserta e atualiza a possibilidade para uma espécie de problematização de si e do outro. Esta experiência só se faz possível por meio de um corpo sensível, capaz de se conectar com os riscos e tensões aí colocados. Diz Deleuze (2009, 9. 126): ‘É preciso pensar as pessoas como pequenos pacotes de poder’. E aqui poderíamos incluir os poderes de afetar e ser afetado. (MANSANO, 2019)

Pessoalmente, a pixação tanto me afetou que virou tema de estudo. Mas isso não significa que minha relação com ela é sempre alegre. Muitas vezes ela me dói e me cansa. E isso acontece tanto com os telespectadores urbanos quanto também também com os próprios responsáveis pelo movimento. É sobre esse ninho de afetos que falo agora.

3.2 FotoAfeto

Não me recordo quantos anos eu tinha quando ganhei uma câmera analógica. Ninguém da minha casa sabia mexer nela direito e eu ainda criança virei a fotógrafa da família, conseguia enquadrar intuitivamente mesmo não tendo conhecimento nenhum sobre aquilo. Se eu fechar bem os olhos, consigo lembrar a sensação áspera do botão de girar o filme e o barulho que fazia quando apertava o obturador. Até pouco tempo atrás, minha mãe guardava essa câmera e quando numa faxina a gente a encontrava, eu girava novamente o filme e

“tirava uma foto”, mesmo sem filme dentro, só pra ter aquela sensação de novo.

Já aos 11 anos, ganhei de presente de aniversário uma Cyber Shot da Sony com 12 megapixels. Eu lembro porque na época isso significava muitos megapixels. Nesse período a rede social Orkut era moda e a maioria das minhas fotos eram selfies (que ainda não tinham esse nome) no espelho postadas num álbum com limite de 12 fotos. Passei a ter um olhar mais sensível para a fotografia aos 14, 15 anos, com uma Nikon D3000 emprestada do meu tio.

É nesse momento que o Instagram entra na história. O aplicativo só funcionava em aparelhos da Apple e eu precisava de um adaptador que conectava o cartão de memória da Nikon ao Ipad desse mesmo tio para conseguir postar. Minhas primeiras fotos no app já foram das ruas, pessoas, prédios, frases encontradas pela cidade... Tudo novamente muito intuitivo, sem técnica. Só o meu olhar.

Em *Cascas* (2017), Didi-Huberman fala como seu corpo talvez influencie o seu olhar. Ele diz que sua baixa estatura e seus olhos míopes fazem com que ele costume andar olhando para o chão. Engraçado que eu tenho essas mesmas características, mas faço exatamente o oposto. Eu sempre estou olhando para todos os lados e alturas, ouvindo os sons do alto e prestando atenção nas luzes e sombras, o que já me rendeu algumas quedas pela vida.

E é estranho falar sobre o meu olhar. O que me chama atenção em meio a tantos signos. O que eu vejo que as outras pessoas não veem. No início do Instagram eu fui ganhando muitos seguidores que, segundo eles, amavam minhas fotos. Lembro de uma vez num bar que uma menina falou “Você é a Mavi do Instagram?”. Mas aí o conteúdo que gera engajamento foi mudando e hoje minhas fotos “da cidade” são justamente as que têm menos curtidas. No Instagram meu olhar já não importa muito.



Imagens 78 e 79: Pixações no Mercado da Produção em Maceió, 2021.

Fonte: Acervo pessoal.



Samain (2012) fala sobre esse contexto histórico que vivemos, a chamada “civilização das imagens”:

“[...] essa chuva de imagens que, ao mesmo tempo, nos provoca, nos ensina, nos inunda e nos satura. Imagens que chegam a nos fazer descobrir, é verdade, cantinhos de nossa aldeia planetária até que envesguemos. Imagens que, por outros motivos e segredos (de estado) nos mentem ou nos foram, de antemão, confiscadas. Imagens que nos iludem, nos fazem perder a visão e, mais gravemente, a consciência, isto é, o discernimento e a responsabilidade face à nossa própria história.” (SAMAIN, 2012, p. 155)

Imagem 80: Prédio do antigo INSS no Centro de Maceió, 2019.
Fonte: Acervo pessoal.



3.2 Memória

Ao falar de afeto, não podemos deixar de mencionar a memória, que aparece como resultado das afecções do corpo⁶. E todas as afecções que envolvem corpos deixam vestígios, que fazem com que as nossas mentes sejam capazes de imaginar algo presente, mesmo na sua ausência. O caso a seguir é um exemplo de que a memória traz à tona até mesmo o que pensam ter apagado.

Em março de 2018 eu saí de casa dirigindo em direção à casa da minha avó, ambas no bairro da Jatiúca na época. Assim que cheguei fui recebida com olhares assustados e todos me perguntavam se eu não tinha sentido o tremor de terra. Como estava no balanço do carro, não fazia ideia do que tinha acontecido. Desse dia em diante, só existia um assunto em Maceió por muito tempo. Foram alguns dias de hipóteses até a informação real chegar: a extração de salgema feita pela petroquímica Braskem fez com que o solo afundasse.

Inúmeras residências apresentaram rachaduras que foram aumentando com o tempo. Assim como a área atingida, já que no início só um bairro parecia ter sido afetado seriamente e com o passar dos meses mais quatro bairros foram desabrigados – fora os impactos causados nos demais bairros ocasionados por esse fator. E foi desse jeito que cerca de 55 mil moradores tiveram que abandonar suas casas, trabalhos, famílias e histórias.

O cenário hoje é assustador. Não tem quem não fique impactado ao chegar onde existia tanta vida e se deparar com o que parece um filme sobre pós guerra. E falando em guerra, o que restou foi uma grande batalha travada entre os atingidos e a empresa responsável pelo desastre, já que muitos deles não aceitaram as indenizações por não considerá-las justas e ainda por não terem certeza do que acontecerá com essas áreas nos próximos anos.

⁶ TEIXEIRA, R. Felicidade e Identidade: A resignificação da memória em Espinosa. 2019.



Imagens 81 e 82: Pixações com códigos feitos pela prefeitura nas casas desabrigadas no bairro do Pinheiro, 2021.

Fonte: Acervo pessoal.



E no meio desse desastre, os escritos em spray aparecem de várias formas. E uma dela é feita justamente por quem criminaliza o pixo, o Estado. No período da desocupação, os imóveis foram marcados em códigos com uma tinta vermelha e, assim como a tag só é compreendida pelas pessoas do movimento, o código só faz sentido para os órgãos responsáveis por eles.

Essa é inclusive uma prática comum das prefeituras e governos em casos de desocupação. Duda Kuhnert (2015) ao escrever sobre outro exemplo de evacuação forçada pelos códigos nas paredes, explica:

“[...]Assim inscreve-se a contradição do Estado: pune aquele que picha muros e monumentos sob alegação de destruição do patrimônio público, ao mesmo tempo que picha moradias privadas para remover seus moradores.[...]” (KUHNER, 2015)

Mas a resposta veio na mesma linguagem. Os moradores utilizaram o spray para fazer seus protestos, assim como os pixadores das tags, com o intuito de trazer visibilidade para o caso. Por todas as ruas são encontradas frases contra a Braskem ou o número de anos que a família viveu ali antes da tragédia, mas o que mais impactou foram as listas com os nomes das pessoas que passaram uma vida inteira naquelas casas.

Imagem 83: Bairro do Pinheiro, um dos atingidos pelo desastre urbano. 2021.
Fonte: Acervo pessoal.



Essas fotografias dizem muito, mesmo que sejam apenas muros fotografados. Samain (2012) diz:

“A imagem, em especial a imagem fixa, é complexa. Para se dar conta disso, basta prolonogar o tempo de um olhar posto sobre ella, sobre sua face visível para, logo, descobrir que a imagem nos leva em direção a outras profundidades, outras estratificações, ao encontro de outras imagens.” (SAMAIN, 2012, p. 159)

Fiz esse exercício de passar um tempo olhando para cada uma delas e isso me levou a várias memórias, principalmente a foto abaixo. Morei até os 12 anos na casa da minha avó. Foi minha primeira casa, pelo menos a que tenho lembrança. E sempre que eu tenho sonhos “em casa” é exatamente essa casa que me aparece, nunca as outras que vivi em seguida.

Imagem 84: Casa no Pinheiro com os nomes dos integrantes da família que ali convivia. 2021.
Fonte: Acervo pessoal.



Essa foto me dói profundamente, mesmo que eu não tenha a menor ideia de quem seja a vó Terezinha. Para cada nome eu imagino um rosto e consigo enxergar todos juntos, num grande almoço de família exatamente aí, nessa casa de vó. E nenhuma idenização vai fazer com que esse momento se repita da mesma maneira.

Deixar sua assinatura é mais do que escrever seu nome. Derrida (2012) diz:

“É preciso fazer mais do que escrever o seu nome para assinar. Em um formulário de imigração escrevemos o nome e depois assinamos. Portanto, a assinatura é algo diferente do que simplesmente escrever o seu próprio nome. É um ato, um performativo por meio do qual alguém se compromete a alguma coisa, por meio do qual se confirma de um modo performativo que se fez algo – que foi feito, que fui eu que o fez. Uma tal performatividade é absolutamente heterogênea; é um resto exterior a tudo o que na obra significa alguma coisa. (DERRIDA, 2012, p.34)

E isso pode ser aplicado também aos pixadores e suas tags. Mas Derrida (2012) também explica que a assinatura em si não basta, é preciso uma contra-assinatura, ou seja, a sociedade, um tempo – instituições, convenções – é que legitima essa assinatura.

Por isso a tag do pixador talvez não seja considerada da mesma forma que a do morador, mesmo que o protesto seja o mesmo. Nos bairros atingidos também existem pixações contra a Braskem assinadas por pixadores da cidade mas que não ganham a mesma repercursão.

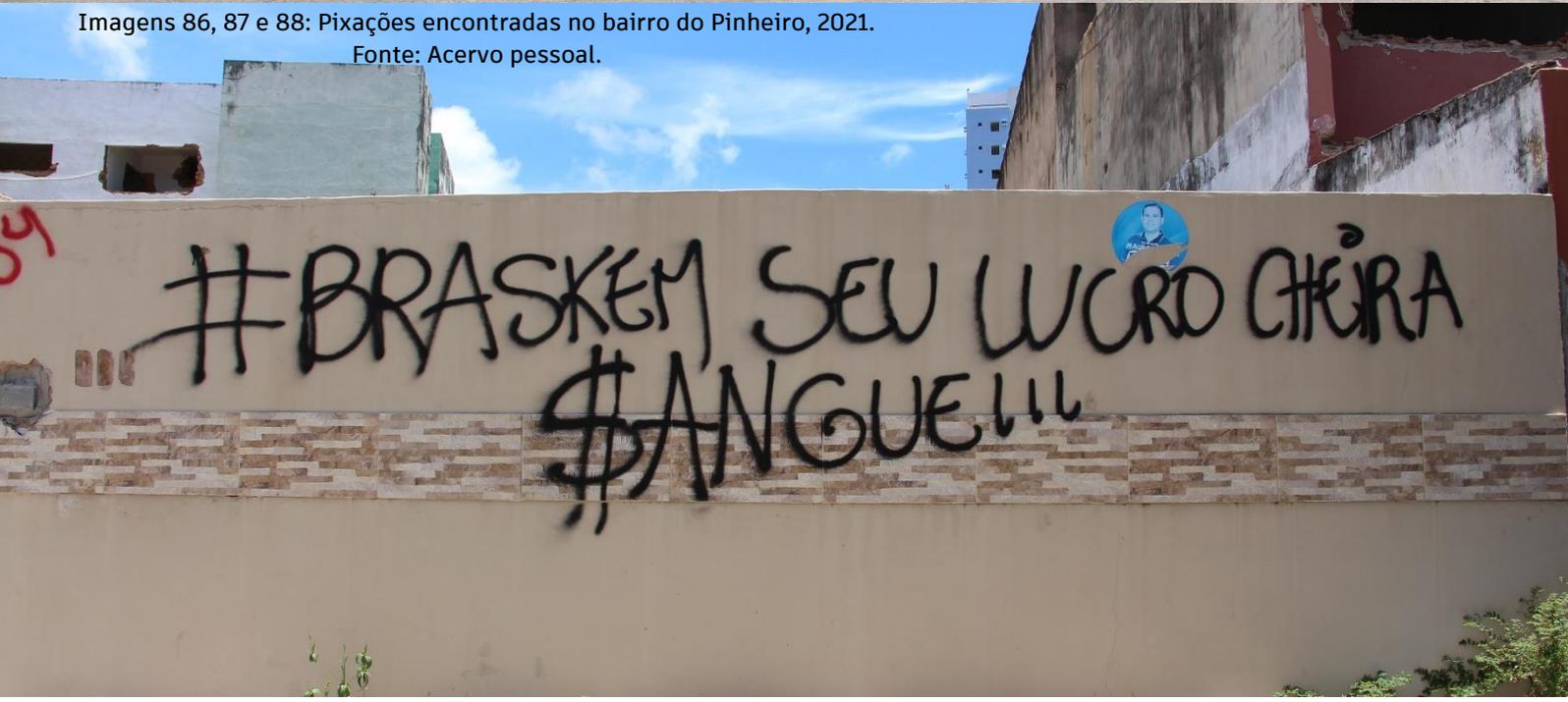
É importante pensar no impacto que essas ações de micro-resistências (Jacques, 2010), que escancaram as tensões sociais e urbanas, causam na luta pela reparação dos danos que Maceió inteira sofreu.



Imagem 85: Tag do pixador Wike junto de uma frase contra a Braskem no bairro do Pinheiro. 2021.
Fonte: Acervo pessoal.

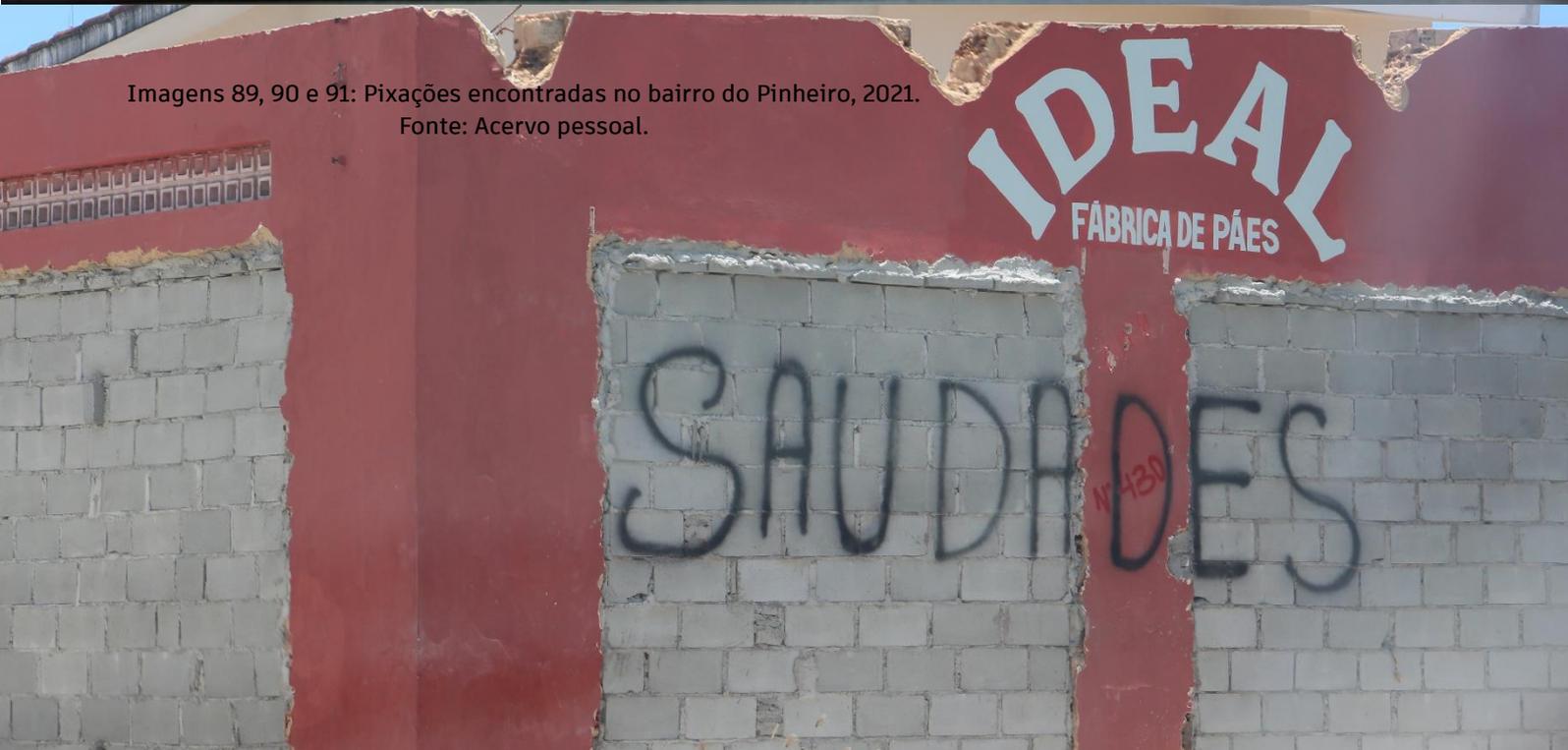


Imagens 86, 87 e 88: Pixações encontradas no bairro do Pinheiro, 2021.
Fonte: Acervo pessoal.





Imagens 89, 90 e 91: Pixações encontradas no bairro do Pinheiro, 2021.
Fonte: Acervo pessoal.



3.3 Permanência

Eu nunca fui boa em lembrar caminhos, sempre os faço apenas indo, sem pensar em como vou chegar ao meu destino. E isso é possível porque a cada metro andado, eu vou olhando ao meu redor e lembrando se já passei por aquela placa de loja antes, ou por aquela árvore, aquela casa pintada de verde. E eu sempre consigo achar o lugar que eu estava procurando, simplesmente porque presto atenção à minha volta.

É de fato um exercício que eu faço, marcar na minha memória os elementos da cidade. Quando entro numa rua eu lembro que naquele prédio da esquina ficava um terreno baldio que eu atravessava todo dia indo para o colégio. E em frente a ele ficava um grande casarão que agora é mais um prédio. Eu quero guardar o que vejo.

Assim fiz com o pixo, não sei dizer nem desde quando. Lembro de um boneco da torcida mancha azul pintado num muro de esquina da Avenida Álvaro Calheiros e que dois dias depois foi coberto por uma tinta vermelha da torcida do comando vermelho. Eu tinha 14 anos quando isso aconteceu. Algumas pixações não só me marcam, mas marcam uma geração inteira.

De tanto serem repetidas nas ruas, algumas frases ficam guardados no inconsciente do maceioense e passam a fazer parte de uma memória coletiva da capital. Por muitos anos, era possível ler “Del Pedófilo” por toda a cidade e, mesmo depois de seu apagamento físico, criou-se uma figura enigmática que ainda perdura nas conversas entre amigos, nos posts e piadas. Eu mesma nunca cheguei a ver essa pixação porque quando me mudei para Maceió ela já não era mais vista, mas perdi a conta de quantas histórias do Del Pedófilo eu ouvi.

Ninguém sabe quem foi ele e não foram encontradas imagens de seus pixos em minha pesquisa, mas quem viveu aquele período lembra bem do impacto que essa frase teve em Maceió. É interessante pensar que esse pixo é

sempre comentado em um bom tom, mesmo que a palavra pedófilo configure uma condição muito séria e que causa repulsa na sociedade em geral. Abaixo, comentários de uma página de grande alcance no facebook em Maceió sobre Del Pedófilo:



Imagem 92: Prints feitos num post sobre as pixações de Del Pedófilo em um grupo de uma página muito seguida pelos maceioenses.

Fonte: Facebook/Grupo Maceió Ordinário.

Esse não foi o único caso de memória afetiva do pixo encontrada nas redes sociais. Ainda em 2019, estava vendo os stories do Instagram até que cheguei num post de um pixador. Era uma foto de uma tarefa escolar de uma criança moradora do bairro da Levada, que pediu que o aluno fizesse um desenho sobre seu bairro e na figura realizada, existe o nome “PIXAL” na fachada de sua escola.

O mesmo pixo que é rejeitado pela população adulta, no imaginário infantil sem julgamentos, faz parte da imagem de território pessoal que ele tem. Isso demonstra que nossas definições de paisagem são afetadas pelos conceitos pré-definidos da sociedade, que adquirimos ao longo dos anos, mas que sem esses limites nossa memória registra e guarda o que nos é familiar. (BEZERRA; DIAS, 2022)

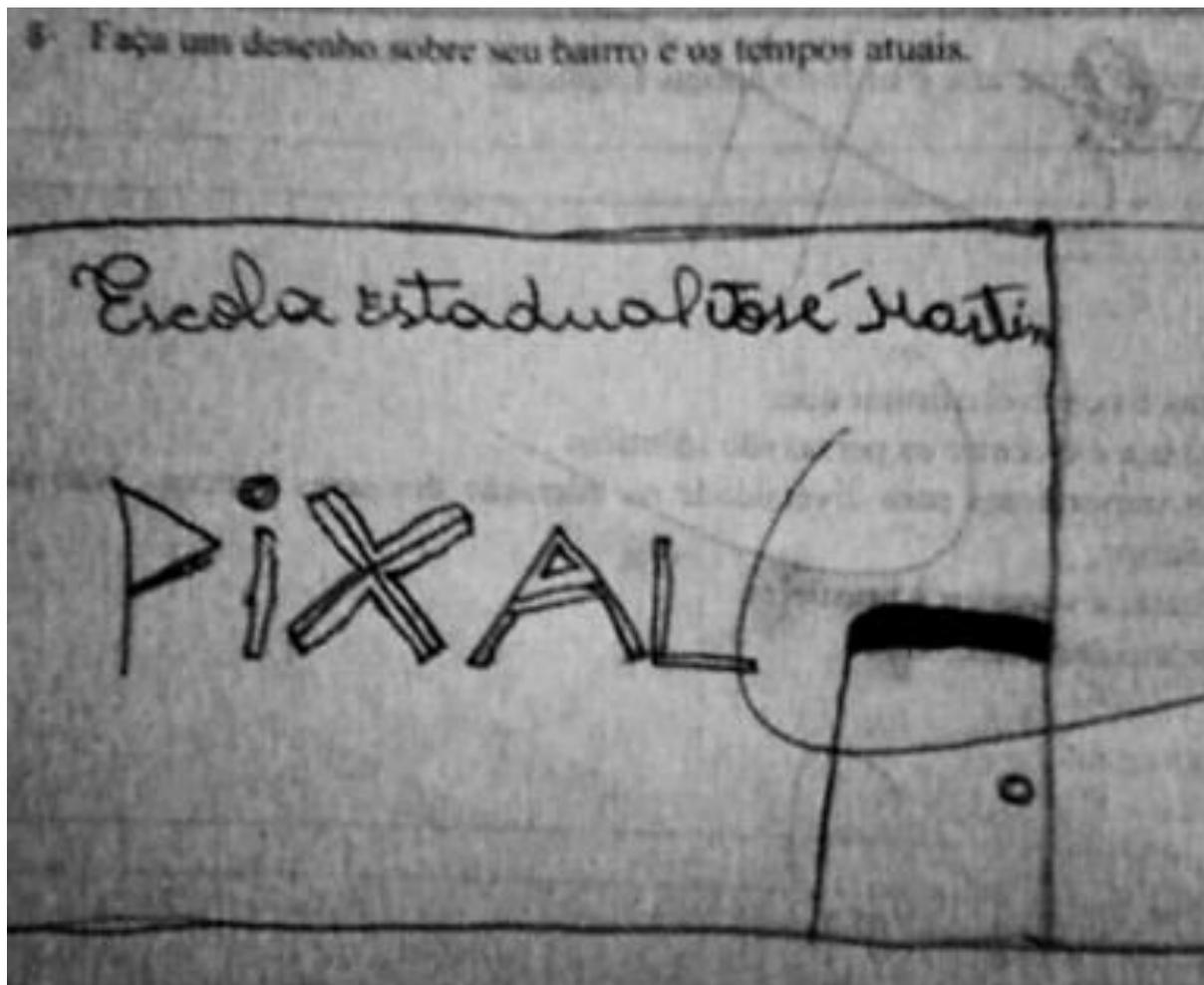


Imagem 93: Atividade escolar de uma criança moradora do bairro da Levada, em Maceió, 2020.
Fonte: Instagram.

Mas além da relação morador-pixo, também existem as relações pixador-pixador e pixador-cidade. No meio de tantos dilemas sociais, são criadas conexões sinceras entre os pixadores dentro da cidade. Um espaço aparentemente vazio e abandonado é, na realidade, palco de experiências urbanas que deixam marcas tanto no corpo quanto na própria cidade (JACQUES; BRITO, 2008)

E Derrida (2012) afirma que onde há experiência, há rastro.

“[...]Portanto, tudo é rastro, não apenas o que escrevo no papel ou registro numa máquina, mas quando faço isto, tal gesto, há rastro. Há vestígio, retenção, protensão e, portanto, relação com algo outro, com o outro, ou com outro momento, outro lugar, remissão ao outro, há rastro. O conceito de rastro, digo-o com poucas palavras porque isso exigiria longos desenvolvimentos, não tem limite, ele é coextensivo à experiência do vivo em geral.” (DERRIDA, 2012, p. 129)

Imagem 94: Mural de tags de pixadores maceioenses no bairro de Jaraguá, 2021.

Fonte: Acervo pessoal.



E consciente ou inconscientemente, esses rastros são vividos pelos pixadores. Nesses vestígios, se encontram as manchas de tinta desbotadas do sol e da chuva mas que permanecem ao longo dos anos nos vazios que estão cheios. Nos lugares que se não estivessem “abandonados”, os pixadores não poderiam nem entrar, quanto mais durar.



Imagem 95: Edifício inacabado pela construtora e que hoje é ocupado por outros moradores, 2021.
Fonte: Acervo pessoal.

A imagem acima diz muito. Nesse edifício inacabado moram vários cidadãos que não tiveram seu direito à moradia garantido e que fazem dele o seu lar. Por isso, não se pode dizer que esse prédio está abandonado. Ele é ocupado tanto por dentro quanto por fora pelos pixadores que, inclusive, exprimem bem

a indignação com os problemas sociais e políticos do país. O tempo e as intempéries deixaram as cores dos escritos menos vivas, mas elas continuam exercendo seu papel mesmo nos seus resquícios.

O pixo não é falado mas é ouvido. Derrida (2012) faz uma boa analogia sobre isso:

“Quer dizer, essas obras silenciosas já são de fato faladeiras, cheias de discursos virtuais, e desse ponto de vista, a obra silenciosa torna-se um discurso ainda mais autoritário – ela se torna o lugar mesmo de uma palavra que é tanto mais poderosa porque é silenciosa, e que carrega em si, como um aforismo, uma virtualidade discursiva que é infinitamente autoritária, em um certo sentido, teologicamente autoritária. Assim, pode ser dito que o maior poder logocêntrico reside no silêncio da obra, e a liberação dessa autoridade reside do lado do discurso, um discurso que vai relativizar as coisas, emancipando-se, recusando-se a ajoelhar-se diante da autoridade representada pela escultura ou pela arquitetura. (DERRIDA, 2012, p. 27)

Como resistência, muitas vezes o silêncio do pixo tem mais voz do que discurso sonoro. Se os moradores dos bairros que estão afundando em Maceió estivessem com um microfone bradando suas reivindicações, o impacto provavelmente seria muito menor do que o efeito que os seus nomes pintados nas fachadas de suas casas. Mesmo mudo, o pixo se levanta e avança.

A pixação não se intimida com a arquitetura. Quando um edifício significativo para a população é violado pelo pixo, há indignação da maioria da sociedade. No entanto, essas mesmas pessoas não se mostram tão indignados assim ao ver as desigualdades existentes no nosso país e cidade. O prédio é mais valorizado que a vida humana e a pixação, mesmo silenciosa, vem como um grito relevando a realidade urbana.

Mesmo que essas tags e frases sejam ilegíveis, a pixação comunica e é percebida, ficando guardada tanto no muro quanto no inconsciente dos habitantes. Essa resistência existe na memória e na própria cidade, já que perdura por toda Maceió. Vários escritos feitos há 4, 5 e até 10 anos foram

encontrados durante a pesquisa. E mesmo que tivessem sido apagados rapidamente, alguém já teria sido afetado pelo confronto do pixo com a cidade.

E assim, o pixo enquanto afeta contraria o conceito de efemeridade do movimento e é capaz de permanecer não só pelo tempo, mas também pelo o que vibra e reverbera dentro do corpo que experiencia a cidade.

Imagens 96, 97 e 98: Pixações no Centro com as datas 15, 13 e 16, respectivamente. 2019.

Fonte: Acervo pessoal.



Os riscos traçados

Mesmo com inúmeras influências externas, a pixação em Maceió tem hoje suas próprias criações, características e motivações. A cidade que é vendida como paraíso das águas, é também a cidade das enchetas, do afundamento de terra, dos desabrigados e da injustiça social. E é exatamente essa cidade que os pixadores enxergam e dão voz através do pixo. É interessante perceber como o mesmo espaço que reprime, esconde e segrega, também é palco de lutas e ocupações feitas justamente por quem é excluído dele.

Durante o tempo da elaboração dessa dissertação, aprendi e fui apreendida pelo universo da pixação. Foram descobertos os grupos mais atuantes, suas motivações e preferências, assim como as áreas de maior visibilidade para o pixo dentro de Maceió. Mas quero deixar claro que isso não é imutável, nem uma regra. O pixo inova e se renova a cada mudança.

Escrevo sobre o assunto há cerca de quatro anos e sempre que saio às ruas, tenho mais conteúdo para escrever. Quando falo de pixo enquanto movimento, não é só pela formação de grupos e intencionalidade, mas também porque ele nunca pára e está sempre se adaptando tanto nos seus questionamentos quanto às linguagens.

Isso foi constatado com o recente uso das redes sociais como forma de alcançar mais seguidores e também registrar seus feitos. O Instagram viabiliza uma maior propagação das suas ideias e reivindicações, inclusive sendo postado também por outras pessoas que não participaram do ato. No caso dos bairros afetados pela Braskem, os escritos tomaram uma grande proporção na mídia local e nacional, o que comprova que a pixação enquanto protesto tem sim relevância.

Mesmo nos casos em que os pixos não sejam claramente compreendidos pela população em geral, existe um impacto causado por esses riscos no

inconsciente de quem os vê. É assim que é criada uma relação de afeto com a pixação, e mesmo esse afeto sendo positivo ou negativo, é inegável que os escritos nos tocam e atravessam nossas histórias dentro da cidade.

Hoje, o movimento em Maceió é organizado e atua fortemente em toda a capital, buscando sempre deixar rastros por onde passa, seja nas fotografias, nas tintas desbotadas nos muros e principalmente, na nossa memória.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRINO, B; PADILHA, E; MAGALHÃES, M; ÁVILA, J. Futebol e Violência em Maceió: a influência midiática na rivalidade entre CRB e CSA. Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1215-1.pdf>>. Acesso em: 01 de junho de 2019

BAUMAN, Zigmunt. Confiança e medo na cidade. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

BEZERRA, M. V. S. S.. ESCREVER NO SILÊNCIO: os bairros de Jaraguá e Centro como cenário da pixação em Maceió. In: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. (Org.). Nós: Caderno do I Congresso Internacional Estudos da Paisagem (2021): anais patrimônio em silêncio. 1ed. Maceió: Edufal, 2022, v. 1, p. 1009-1017

BEZERRA, Maria Victória Silvestre de Souza; DIAS, J. M. M. D.. Permanecer na Efemeridade: a singularidade da pixação em Maceió. In: Juliana Michaello Macêdo Dias; Roseline Santos Oliveira. (Org.). Temporalidades e Apropriações: contextos e participações. 1ed. Curitiba: CRV, 2022, v.1, p. 95-106

BEZERRA, Maria Victória Silvestre de Souza. Pixo Central: A pixação na paisagem urbana do Centro de Maceió-AL. 2019. Trabalho Final de Graduação – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2019

BEZERRA, Maria Victória Silvestre de Souza. Pixação em Maceió-AL: A cena do pixo atual e as impressões de uma pixadora mulher dentro do movimento. PIXO – Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade. Pelotas, v. 3, n. 10, p. 200-209, 2019. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/16841>>. Acesso em 19 de março de 2021

CARTA de #DI# (1992). Beside Colors, 2018. Disponível em: <<http://besidecolors.com/carta-de-1992/>>. Acesso em 18 de outubro de 2021

CÓDIGO de urbanismo e edificações do município de Maceió. Diário Oficial do município de Maceió, 2007. Disponível em: <<http://www.maceio.al.gov.br/wp-content/uploads/admin/documento/2013/11/Lei-Municipal-5.593-de-08-de-Fevereiro-de-2007-C%C3%93DIGO-DE-URBANISMO-E-EDIFICA%C3%87%C3%95ES-DO-MUNIC%C3%8DPIO-DE-MACEI%C3%93.pdf>>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

DERRIDA, Jacques. Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004) /Jacques Derrida; organização Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas; tradução Marcelo Jacques de Moraes; revisão técnica João Camillo Penna. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. Tradução de André Telles. São Paulo: Editora 34, 2017. 112 p.

ESPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007[1677].

FILARDO, P. Pichação (pixo): Histórico (tags), práticas e paisagem urbana. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.187/5881>>. Acesso em 29 de maio de 2019.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/1353>>. Acesso em 30 de outubro de 2021.

HYPOLITO, Bárbara de Bárbara. *Cidade, corpo e escritas urbanas: cartografia no espaço público contemporâneo*. 2015. 214f. [Dissertação de Mestrado]. Pelotas: PROGRAU|UFPEL.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana. (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein, *ZONAS DE TENSÃO: em busca de microresistências urbanas*. In: *Livro Corpocidade: debates, ações e articulações* / org.

PEIXOTO, I. S. ; FEITOZA, S. M. F. ; BEZERRA, M. V. S. S. . Subversões no cartão postal de Maceió: Ponta Verde, Alagoinha e o rap. In: *XVII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2021, Salvador*. XVII Enecult. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2021. v. 1. p. 36-36.

LUIZ, Caio. #DI#: O homem que arranhou o céu. *Revista Vaidapé*, 2016. Disponível em: <<http://vaidape.com.br/2016/09/di-o-homem-que-arranhou-o-ceu/>>. Acesso em 30 de outubro de 2021.

MANNING, Emily. Documentando os dourados anos 70 da cultura do graffiti em Nova York. *VICE*, 2017. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/articulo/ae5gd8/fotos-anos-70-cultura-graffiti-nova-york>. Acesso em 05 de junho de 2019.

MANSANO, S. (2019). Afetar e ser afetado. *Encontro Nacional De Saúde, Cultura E Arte-MCA*, 8(2). Disponível em: <<http://anais.uel.br/portal/index.php/mca8/article/view/503>>. Acesso em maio de 2023.

PAPALI, F; ZANETTI, V; VIANNA, P. Um pouco da história do graffiti e da pichação no Brasil. In: XXIX Simpósio Nacional de História, 2017, Brasília. Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-a-nais-simposios-anpuh/35-snh29?start=500>>. Acesso em 30 de outubro de 2021.

PIXO. Direção: João Wainer; Roberto T. Oliveira. São Paulo: Sindicato Paralelo Filmes, 2009. Cor. 61 min. Documentário. Disponível em: <<https://vimeo.com/29691112>>. Acesso em 01 de junho de 2019.

QUEIROZ, C. Entre transgressão e arte. Revista Pesquisa. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/2018/07/04/entre-transgressao-e-arte/>>. Acesso em 30 de maio de 2019.

SAMAIN, E. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. In: Revista Visualidades, Goiânia, v.10, n.11, pgs. 151-164, jan-jun, 2012.

TEIXEIRA, R. Felicidade e Identidade: A resignificação da memória em Espinosa. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

<http://www.dfe.uem.br/comunicauem/2022/05/16/grafite-e-pichacao-por-que-um-e-considerado-arte-e-o-outro-crime/#:~:text=A%20picha%C3%A7%C3%A3o,-A%20picha%C3%A7%C3%A3o%2C%20em&text=A%20palavra%20tem%20origem%20do,pichar%20os%20muros%2C%20por%20exemplo.>

<https://www.metropoles.com/materias-especiais/afundamento-de-maceio-provoca-exodo-urbano-de-55-mil-pessoas>

<https://ge.globo.com/al/futebol/brasileirao-serie-b/noticia/stjd-determina-classico-crb-x-csa-com-tor-cida-unica-dirigentes-prometem-recorrer.ghtml>

<https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/em-reforma-praca-do-skate-e-alvo-de-pichacao/>

<http://besidecolors.com/a-poesia-do-pixo/>

<http://besidecolors.com/bau-da-pixacao/>

<https://www.cada-minuto.com.br/noticia/323359/2018/07/10/pichacao-na-praca-do-skate-rea-cende-debate-sobre-limites-da-arte-de-rua>

<http://besidecolors.com/treme-treme>